

ISTO É

Edição 26 - 6/3/26



A IMPLOSIÃO DO IRÃ

Ataques dos Estados Unidos e de Israel decapitam o sanguinário regime dos aiatolás mas deixam um rastro de destruição e mortes que ameaça lançar o país e o Oriente Médio em um caos sem precedentes

Capa

Página
14



AMIRHOSSEIN KHORGOOEI

Ataques ao Irã por forças dos EUA e de Israel matam civis como as alunas de uma escola

Índice

CAPA: FOTO DE MAJID ASGARIPOUR/REUTERS

3 ENTREVISTA

6 BRASIL

12 ECONOMIA

15 INTERNACIONAL

23 SAÚDE

25 GENTE

27 ESPORTE

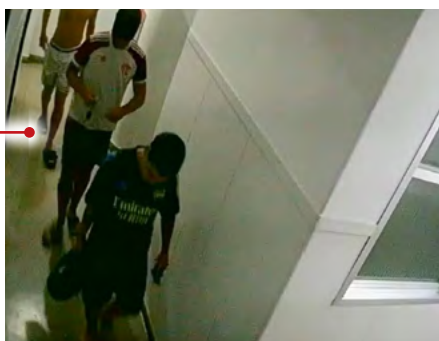
29 ESTILO DE VIDA

33 ENTRETENIMENTO

40 MEMÓRIA

42 O MELHOR DAS REDES

43 PALAVRA POR PALAVRA



Estupro coletivo: jovens premeditaram crime

REPRODUÇÃO



Luiz Fernando Guimarães analisa carreira

LEO AVERSA



Exposição em SP destaca reinvenção no design

VITOR CURTI

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

EDITORA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram
[@revistaistoe](https://www.instagram.com/revistaistoe)

YouTube
[m.youtube.com/@revistaISTOE](https://www.youtube.com/@revistaISTOE)

X
[@revistaISTOE](https://twitter.com/revistaISTOE)

TikTok
[@revistaistoe](https://www.tiktok.com/@revistaistoe)

LinkedIn
[https://linkedin.com/company/istoe/](https://www.linkedin.com/company/istoe/)

Redação e correspondência

Rua Iguatemi, 192, 18º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação
semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.,
empresa detentora das marcas ISTOÉ e
coligadas, tanto em plataformas digitais
como meios impressos.

A empresa não tem qualquer vinculação
editorial e societária com a EDITORA
TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA.
(em liquidação judicial)



LEONARDO MONTEIRO

“Não é sobre Flávio ou Tarcísio, mas sobre a existência de uma realidade política, o bolsonarismo”

O papel de Tarcísio na ascensão de Flávio Bolsonaro

CEO da Atlas Intel, Andrei Roman avalia o salto recente do senador Flávio Bolsonaro nas pesquisas de intenção de voto após o apoio do governador de São Paulo

Uma distância que já foi de 24 pontos percentuais e hoje oscila entre seis e sete pontos agitou os presidenciais no fim de fevereiro, quando saiu mais uma pesquisa da Atlas Intel. Na nova rodada, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) obteve 45% das intenções de voto. Já o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) ficou entre 37,9% e 39,5% na simulação com dois cenários.

A análise da disputa eleitoral, feita pelo cientista político Andrei Roman, cofundador e CEO da Atlas Intel, mostra que o filho 01 de Jair Bolsonaro teve um avanço importante com o efetivo entendimento pelo campo da direita de que é ele o herdeiro do bolsonarismo. Ele aponta também que a esquerda vem perdendo apoio dos eleitores mais jovens.

Leonardo Rodrigues

A mais recente pesquisa Atlas Intel mostrou que, em três meses, desde que anunciou a pré-candidatura, Flávio Bolsonaro ganhou 14,8 pontos percentuais e encurtou significativamente a distância para o presidente Lula. Essa é uma ascensão esperada?

A razão pela qual Flávio não pontuava tão bem nas rodadas passadas da nossa pesquisa é simplesmente porque ele não era um candidato factível na cabeça do eleitorado. Falava-se muito mais sobre a candidatura do Tarcísio de Freitas [opção que era a favorita do campo da direita], havia uma especulação sobre o governador [de São Paulo] ser o escolhido [por Jair Bolsonaro] para representar o campo da direita, e o eleitorado reagia aos cenários testados com a intuição de que isso ocorreria. Esse cenário fazia com que outras possibilidades, como Flávio ou Michelle [Bolsonaro, ex-primeira-dama que está filiada ao PL], pontuassem abaixo do Tarcísio, mas não necessariamente como expressão de uma debilidade, fraqueza política, e sim como resultado de uma configuração de expectativa por outra candidatura. Na medida em que Flávio é escolhido e essa decisão é comunicada, tudo muda. Ele é acolhido, de fato, como candidato principal do campo da direita e dá início a um processo inverso - conforme o senador se consolida, Tarcísio cai. O que mudou não foi a percepção que as pessoas têm sobre qualquer um dos dois, nem seus atributos positivos ou negativos, mas simplesmente o entendimento de que o cenário mais provável tem Flávio concorrendo. Há uma parcela muito expressiva do eleitorado brasileiro que é bolsonarista, uma ainda maior que é antipetista. Ao ser identificado como principal opção desse campo, Flávio capitaliza sobre a existência de uma realidade política, de uma estrutura em que mais ou menos um terço dos eleitores [33,3%] irá aderir à candidatura escolhida [por Bolsonaro]. Se houvesse uma ruptura ou desentendimento público entre Flávio e Tarcísio, os números poderiam ser outros. Essa cisão poderia gerar um cenário bem pior para o senador. Mas não aconteceu. Tarcísio acolheu a escolha de Bolsonaro e, com alguma agilidade, embarcou nesse pro-

jeto. Nada mais natural, portanto, do que observá-lo subir a patamares que anteriormente eram do governador de São Paulo; não é sobre Flávio ou Tarcísio, mas sobre a existência de uma realidade política, que é o bolsonarismo, e a adesão de um segmento ao candidato que representá-la.

Do outro lado, Lula caiu de 48,8 para 45% das intenções de voto em relação à pesquisa Atlas de janeiro. O que explica esse desgaste?

Evidentemente, é uma pesquisa que aconteceu após um desfile de Carnaval muito desgastante para o governo [a Acadêmicos de Niterói, que homenageou Lula, desfilou no dia 15 de fevereiro, e a Atlas fez entrevistas entre os dias 19 e 24 do mesmo mês; no fim, a agremiação foi rebaixada devido à pontuação geral obtida no desfile]. Houve um acúmulo de elementos negativos. O fato é que não necessariamente todos os eleitores gostam de celebrar, durante o Carnaval, a figura de um político como herói, como tema principal de uma escola de samba. E, de forma mais preocupante para o governo, uma ala [chamada “Neoconservadores em conserva”] representou uma metáfora à família conservadora brasileira e muitas famílias conservadoras julgaram que isso foi ofensivo. Uma parcela bastante significativa [dos eleitores] não gostou nada. Há um custo político, como se observa em vários indicadores da pesquisa, da avaliação do governo — que piorou de maneira significativa — ao saldo eleitoral.

A menor intenção de voto em Lula (24,2%) foi manifestada pelos jovens de 16 a 24 anos, mesmo grupo que mostrou a maior pretensão de votar em branco ou anular o voto para presidente (15,9%). A juventude brasileira está descrente das principais forças políticas do país?

O que esses dados mostram é uma alienação de juventude em relação ao projeto político da esquerda, o que é bastante novo na realidade política brasileira. Tradicionalmente, os jovens são mais progressistas nas grandes democracias. Em geral, eles tendem a olhar a vida e a sociedade com um olhar mais



LEONARDO MONTEIRO

utópico, com o desejo de uma sociedade mais justa, o que historicamente ajudou a esquerda. Um dos gráficos [da pesquisa de fevereiro] mostra que, quanto mais velho, maior o apoio ao Lula, e quanto mais jovem, esse apoio fica menos evidente. Isso gera algo bastante preocupante em termos do futuro para a esquerda. Se você não constrói uma base política sólida na geração mais jovem, quem carregará essas ideias adiante? Então, há uma falta de adequação do discurso, das propostas e das marcas da esquerda às mudanças que aconteceram na sociedade. As principais marcas do governo Lula 3 são antigas. Ainda estamos falando sobre [os programas sociais] Bolsa Família, Minha Casa, Minha Vida. O governo não se reinventou, está muito próximo,

em termos de discurso, das falas e conceitos do Lula de mais de uma década atrás. Quando se trata de um público jovem, isso não agrada. É menos o caso para o eleitorado mais velho, que já está politizado. Esses eleitores definiram sua orientação política há algum tempo e estão seguindo uma constante; eles continuam a olhar a vida e a sociedade a partir de um conceito que foi criado décadas atrás. No caso dos mais jovens, a definição acontece agora, durante este governo. Se a proposta política não abordar suas principais preocupações, anseios e medos, [não haverá adesão]. A sociedade atravessa muitas transformações em nível global, do ponto de vista da tecnologia, da adoção de inteligência artificial no mercado de trabalho, de uma discussão política muito mais

centrada em formatos audiovisuais e redes sociais, enfim, uma construção com a qual não estávamos acostumados. A esquerda não conseguiu navegar bem nesse novo contexto, tanto em forma quanto em conteúdo. Não é uma característica apenas do PT ou do Lula. Acontece também com a esquerda europeia, com a norte-americana. Sem Lula, aliás, a situação poderia ser ainda pior. Mas o futuro da esquerda gera bastante preocupação.

Nos cenários de segundo turno, Flávio e Tarcísio pontuaram melhor do que Lula, mas o governador disputará a reeleição e dará palanque ao senador em São Paulo. Os números atestam a tese de que Flávio, de fato, era o candidato mais competitivo da direita?

No meu ponto de vista, o candidato mais competitivo nesse cenário é Eduardo Leite [governador do Rio Grande do Sul, filiado ao PSD], ainda que ele apareça com 24,5% das intenções de voto, 20 pontos abaixo do Flávio. Quando olhamos o percentual de Lula contra o governador gaúcho, o presidente registra seu pior número, com 45,2% - e esse percentual é muito mais interessante do que o obtido pelos candidatos da oposição. Os percentuais dos opositores estão relacionados, neste momento, a quão factível é o caminho de cada um deles para chegar ao segundo turno. No caso do Leite, portanto, o número pequeno reflete apenas o fato de que poucos eleitores enxergam, de fato, chances de que este enfrentamento ocorra. É um fenômeno que se reproduz com Ronaldo Caiado [governador de Goiás, também filiado ao PSD] ou Romeu Zema [governador de Minas Gerais, filiado ao Novo]. É importante trazer este ponto porque não se deve ler estes números com base na posição dos candidatos. Cenários de segundo turno tornam-se factíveis apenas quando o eleitor está mais próximo do momento da decisão e, ao reproduzir esta pesquisa mais perto do primeiro turno, ela provavelmente mostrará um quadro diferente. Um candidato que pontua pior do que os demais em decorrência de um alto número de indecisos não necessariamente perderia o segundo turno - não acho que este seria o desfe-



LEONARDO MONTEIRO

cho. Há um eleitor moderado que consideraria Leite, mas não os candidatos radicais da direita. Este eleitor pode ter reduzido o percentual de Lula no cenário em questão.

O governador Eduardo Leite tem capacidade de atrair eleitores de Lula?

Consegue, ao menos, deixá-los em dúvida. Conseguir deixar um eleitor que declara voto em Lula em todos os cenários em dúvida denota uma candidatura que não é tão fraca assim.

A tese de cientistas políticos sobre a eleição presidencial de 2022 é que o medo de um novo mandato de Bolsonaro deu vitória a Lula. Para 2026, a Atlas mostrou que 47,5% temem reeleger o petista.

Será, novamente, uma disputa baseada no medo?

Provavelmente, nós teremos um segundo turno entre dois candidatos com níveis muito altos de rejeição. No caso de Lula, há uma rejeição articulada a partir de escândalos de corrupção. No de Flávio, a figura do pai, Jair Bolsonaro, é divisiva e altamente rejeitada por uma parcela grande do eleitorado; o candidato não é o pai, tem outro estilo e talvez outras propostas, mas provoca no eleitor uma associação direta. É importante, no entanto, termos alguma cautela, porque a pesquisa foi realizada logo após o Carnaval, no auge de uma tempestade muito grande para o governo e quando se falou pouco sobre Flávio e suas vulnerabilidades. Há elementos de seu passado e de sua trajetória política que poderão desgastá-lo. 



Plenário do TSE aprovou um conjunto de resoluções para as eleições, entre elas a adoção da IA nas campanhas

Breque na IA nas eleições 2026

TSE define regras mais duras para o uso de Inteligência Artificial e chatbots na disputa eleitoral deste ano, com aval para responsabilização de big techs

Alessandro Martins e João Vitor Revedilho

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) endureceu as regras para o uso da Inteligência Artificial nas eleições de 2026, numa tentativa de frear a interferência da tecnologia na disputa eleitoral. Entram na mira as big techs e a exploração das chamadas deepfakes – com conteúdos falsos mas que parecem reais – horas antes do pleito. O plenário do TSE aprovou, por unanimidade, na segunda-feira, 2, um conjunto de resoluções que vão orientar o processo eleitoral deste ano. Uma das questões era exatamente a atualização de regras sobre o uso de Inteligência Artificial (IA) na campanha eleitoral.

Não é de hoje a preocupação do TSE com o avanço da IA em tempos de

disputa pelo voto. Desde 2022, a Corte busca moldar a adoção inteligente da tecnologia com regras para evitar interferências na escolha do eleitor. A atenção para o tema foi elevada em 2024, quando o uso de deepfakes e chatbots passaram a ser mais frequentes nas campanhas municipais. Ao mesmo tempo, cresciam os casos de fake news nos tribunais regionais.

Um dos episódios mais conhecidos é de um vídeo falso compartilhado nas eleições para a prefeitura de São Paulo, no qual o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) teria pedido votos para o coach Pablo Marçal. Na realidade, Bolsonaro apoiava Ricardo Nunes (MDB), vencedor do pleito.

Outro caso, ainda mais emblemático, aconteceu na mesma disputal eleitoral: um laudo médico falso contra o então candidato do PSOL, Guilherme Boulos, foi divulgado por Marçal. A atitude aconteceu menos de 48 horas antes da abertura das urnas. Para especialistas, a divulgação desse conteúdo forjado pode ter interferido no resultado do 1º turno, principalmente entre os eleitores indecisos.

O episódio, inclusive, foi usado para criar uma “janela de silêncio algorítmico”. A medida proíbe a publicação de material produzido por IA entre 72 horas antes da abertura da votação até 24 horas depois do encerramento do pleito.

Regras para inteligência artificial e deepfakes

O veto das 72 horas

O TSE estabeleceu uma “janela de silêncio algorítmico”. Fica proibida a circulação de conteúdos sintéticos novos (produzidos ou alterados por IA que modifiquem voz ou imagem) nas **72 horas que antecedem o pleito e até 24 horas após o fim da votação**. O objetivo é evitar “surpresas de última hora” fabricadas para difamar candidatos, sem que haja tempo para checagem de fatos ou direito de resposta.

Proibição de recomendação de voto

Sistemas de IA e chatbots estão proibidos de recomendar candidaturas aos eleitores, **mesmo que o próprio usuário solicite a indicação**. A medida busca impedir que algoritmos interfiram diretamente no processo decisório do eleitor.

Rotulagem obrigatória

Toda propaganda (impresa ou digital) que utilizar imagem, voz ou conteúdo manipulado por IA deverá exibir um aviso **explícito, destacado e acessível** informando que o material foi fabricado ou alterado, indicando também qual tecnologia foi utilizada.

Tolerância zero contra a misoginia digital

Foi expressamente proibida a criação ou alteração de fotos e vídeos que insiram candidatas e mulheres públicas em cenas de nudez, sexo ou pornografia (*deepfakes* pornográficos), visando frear a violência política de gênero.

A análise é que o período mais próximo da abertura das urnas é o mais crítico para a inconsistência dos eleitores, principalmente os indecisos. “Se eu veicular um conteúdo malicioso alterado por IA logo antes do dia da votação, aumenta a capacidade de transformar intenções de votos. Pode ocorrer essa mudança até dentro do carro, a

Regras para redes sociais e fake news

Responsabilização solidária das plataformas (big techs)

As empresas de tecnologia e redes sociais passarão a ter responsabilidade solidária. Elas poderão sofrer sanções financeiras e legais caso não removam **imediatamente** conteúdos gerados por IA sem rótulos ou postagens que violem abertamente a lei eleitoral durante o período de campanha.

Banimento de perfis falsos e robôs

O TSE determinou a exclusão e o banimento de perfis apócrifos, falsos ou automatizados (bots) sempre que for identificada a prática reiterada de condutas para espalhar desinformação ou comprometer a integridade do processo eleitoral.

Plano de conformidade

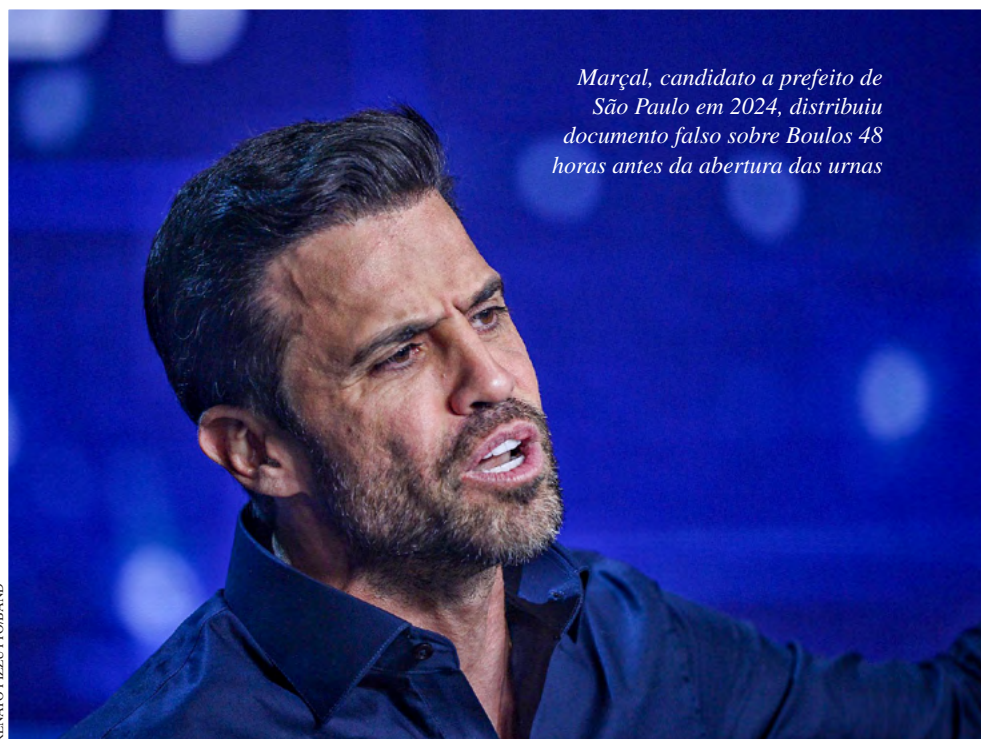
As plataformas digitais deverão elaborar, junto à Justiça Eleitoral, um plano de conformidade para mitigar riscos à democracia e garantir a rápida execução dessas novas obrigações.

caminho da votação, enquanto a pessoa usa o celular”, explica Juliano Maranhão, professor livre-docente da Faculdade de Direito da USP e pesquisador associado do Centro para Inteligência Artificial da USP/IBM.

Em seu voto, o ministro Kássio Nunes Marques, relator da resolução, entendeu que a regra “impede a interferência algorítmica no processo decisório de definição do voto” e “exclui surpresas indesejadas no período mais crítico do processo eleitoral”. Por trás, há a preocupação do que o próprio ministro deverá lidar durante o pleito eleitoral, já que ele assumirá a presidência da Corte eleitoral em junho, com a saída de Cármen Lúcia.

A tendência é que a fiscalização sobre as redes sociais e big techs também aumente para evitar a disseminação dos conteúdos falsos no período eleitoral. Para isso, o TSE aprovou uma resolução que determina que as empresas terão responsabilidade solidária nas publicações, caso elas não removam conteúdos falsos ou gerados por IA. “A mobilização é muito maior em período de eleição, com certeza. No contexto geral usual de monitoramento das redes, o que vale é a legislação do Marco Civil

Marçal, candidato a prefeito de São Paulo em 2024, distribuiu documento falso sobre Boulos 48 horas antes da abertura das urnas



RENATO PIZZUTTO/BAND

da Internet, onde as plataformas só são responsabilizadas se descumprirem ordens judiciais”, completa Maranhão.

Apesar da regulamentação, a Justiça Eleitoral tem tolerado o uso da IA para outros setores, como a criação de jingles ou imagens do candidato em santinhos. Contudo, o responsável deverá rotular de forma clara para o eleitor que a imagem ou vídeo foi gerado por uma tecnologia de Inteligência Artificial. “É importante destacar que o TSE não adota uma postura proibitiva em relação à IA. Usos lícitos — como na criação de jingles ou ajustes de imagem — são inclusive estimulados pelas novas regras. A preocupação do tribunal, com razão, é coibir práticas ilícitas, como deepfakes e deepnudes, que já ocorreram na eleição anterior”, afirma Bruno Bioni, professor da ESPM e fundador do Data Privacy Brasil. “Portanto, a IA não é tratada como inimiga do processo eleitoral, mas como ferramenta que pode ser aliada, desde que usada de forma adequada e dentro das normas estabelecidas”, reforça.

Sem recomendação de voto pela IA

O uso de chatbots e a interferência de IAs sobre o eleitor também estão mais restritos nas eleições deste ano. A Corte eleitoral minou qualquer possibilidade de sistemas de IA, como o

ChatGPT e o Gemini, de indicar votos ou até mesmo apontar recomendações de candidatos. Chatbots também estão proibidos de aliciar o eleitor a votar em determinado candidato.

Essa mudança, inclusive, está entre os maiores desafios para a Justiça Eleitoral. Nos últimos anos, as big techs resistiam às decisões judiciais e entendiam como “censura” parte das determinações do Supremo Tribunal Federal (STF), por exemplo. Um exemplo foi a crise com o X, antigo Twitter, que ficou fora do ar cerca de um mês após desrespeito a determinações da Suprema Corte.

“[As novas regras] obrigam os provedores de internet a apresentarem planos de conformidade ao TSE. Isso é relevante porque as plataformas hoje têm papel central na forma como as pessoas buscam e digerem informações para decidir o voto, inclusive com o uso crescente de inteligência artificial e chatbots. Até então, apenas candidatos e partidos prestavam contas detalhadas. Agora, cria-se uma simetria: as plataformas também terão de demonstrar como pretendem cumprir as regras da resolução”, explica Bioni.

O advogado especialista em direito eleitoral Luiz Eugênio Scarpino alerta para a “benevolência das empresas” com as novas regras, principalmente

os chatbots criados pelas campanhas eleitorais. “O grande desafio está nos serviços e plataformas que ainda não têm relação estabelecida com a Justiça Eleitoral. Empresas como OpenAI (ChatGPT) e a plataforma X (de Elon Musk) terão obrigações específicas, como não produzir conteúdo sintético sem rotulagem. A dúvida é até que ponto estarão dispostas a se alinhar à legislação brasileira para operar no país — um mercado relevante”, pondera. “A expectativa é que as grandes plataformas, com regras de conformidade mais claras, cumpram as determinações. O problema real são os serviços novos, desconhecidos ou desenvolvidos pontualmente para campanhas, como chatbots criados por equipes específicas”.

Nem tudo são flores

Apesar da mudança, a avaliação é que a medida pode não surtir o efeito esperado. Embora vista como assertiva, a decisão do TSE deixa uma nebulosidade sobre a fiscalização de conteúdos falsos publicados nas redes sociais, já que a resolução não afasta a possibilidade de postagens por eleitores e contas de apoiadores. “É uma medida dúbia e insuficiente. O TSE acerta ao forçar os candidatos a focarem em propostas reais, ao contrário do que se viu em campanhas passadas, dominadas por factóides. Mas a eficácia da medida é duvidosa: a internet é um ambiente de difícil controle, e conteúdos falsos podem ser disseminados por artistas, ex-políticos ou influenciadores, criando uma zona nebulosa. Os cidadãos comuns e apoiadores também podem perfeitamente fazer esse trabalho por fora”, aponta o cientista político Paulo Ramirez.

Outro ponto de alerta é a propagação dos materiais via WhatsApp e chatbots, já que a fiscalização desses serviços é mais limitada e pode ser driblada caso a hospedagem seja no exterior. “O grande desafio está nos serviços de mensageria instantânea, como WhatsApp e Telegram, onde perfis falsos, criados inclusive em outros países, disseminam informações sem controle. Se hospedados no exterior e sem representação no Brasil, a rastreabilidade e a punição tornam-se praticamente impossíveis”, salienta Scarpino. **E**



Kássio Nunes acredita que as novas regras excluem “surpresas indesejadas” no período mais crítico do processo eleitoral

ALEANDRO ZAMBRANA/SECOM/TSE

A turma

PF revela que Vercaro, dono do Master, tinha uma milícia particular para ameaçar desafetos e pagava funcionários do BC para obter informações privilegiadas; ele foi preso de novo

A terceira fase da Operação Compliance Zero trouxe mais surpresas ao mercado. Daniel Vercaro, dono do banco Master, voltou para a prisão na quarta-feira, 4, e dois funcionários do Banco Central (BC) foram afastados das funções. Mais: no pacote de iniciativas do banqueiro está a formação de uma milícia, apelidada de “A turma”, que era integrada, inclusive, por um “Sicário” (que significa assassino pago). Esse era o codinome de Luiz Phillipi Mourão, contratado por Vercaro por R\$ 1 milhão ao mês por serviços prestados de intimidação e vigia de pessoas que prejudicassem os interesses do grupo.

Preso em uma cela da Superintendência da Polícia Federal (PF) de Minas Gerais, “Sicário” teve morte cerebral definida na quarta-feira, após atentar contra a própria vida. Ele havia sido preso sob a acusação de integrar uma milícia privada a serviço de Vercaro. A tentativa de suicídio por enforcamento

foi flagrada por câmeras de segurança. Embora tenha recebido socorro imediato, Mourão não resistiu e teve a morte encefálica confirmada após ser levado ao hospital.

As informações reveladas agora são fruto das investigações da PF, que apontaram que Vercaro manteve interlocução direta e frequente com servidores da autoridade monetária. Ele solicitava desde orientações estratégicas sobre a condução de reuniões institucionais até a elaboração de documentos e formas de abordagem de temas sensíveis perante o BC. O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) André Mendonça, relator do caso, determinou o afastamento de Paulo Sérgio Neves de Sousa, que ocupava o cargo de chefe-adjunto do Departamento de Supervisão Bancária, e Belline Santana, ex-chefe da mesma área. O magistrado determinou também a prisão de Fabiano Zettel, cunhado do banqueiro

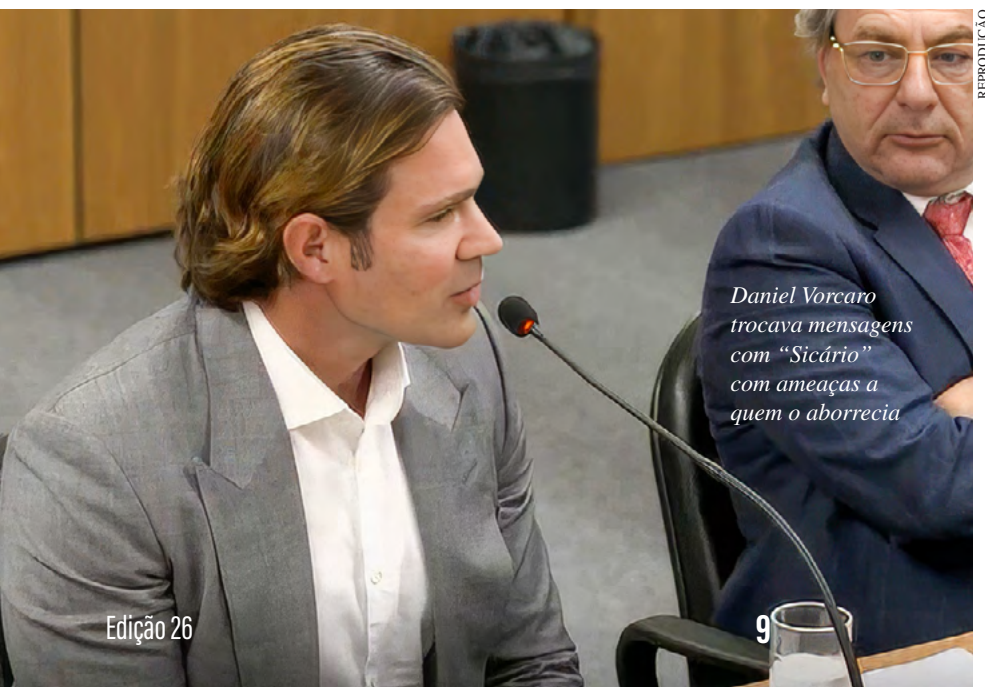
e um contador informal do grupo, responsável por pagamentos e cobranças.

Vercaro buscava influenciar a análise de processos administrativos por meio da obtenção de informações internas do BC e estratégias para contornar dificuldades regulatórias. Em um determinado momento, o banqueiro teria pedido a Paulo Sérgio, por meio de mensagens de celular, que analisasse previamente a minuta de um ofício que seria enviada pelo Master ao departamento do BC onde o servidor era o chefe-adjunto. Em seguida, o servidor respondeu a mensagem com várias sugestões de alteração no documento.

O outro ex-BC envolvido no esquema, Santana, opinava sobre ofícios que o Master enviaria. Ele atuava como consultor, discutindo temas relacionados à situação regulatória do banco liquidado. Para viabilizar o pagamento dos “funcionários”, Vercaro estabeleceu contratos de prestação de serviços por meio de empresas de consultoria. **E**

“Dar sacode”, “moer” e “quebrar os dentes”

As investigações apontaram que havia uma organização de iniciativas de vigilância, monitoramento e sugestão de violência por parte do banqueiro contra funcionários, concorrentes e jornalistas. O ministro do STF André Mendonça destacou a “dinâmica violenta” do grupo, batizado “A turma”, citando mensagens trocadas via celular entre Luiz Phillipi Mourão, o “Sicário”, e o banqueiro sobre um jornalista que havia publicado notícia contrária aos interesses de Vercaro. Lauro Jardim, do jornal O Globo, declarou ser ele o alvo de uma das conversas citadas pelo STF. “Quero mandar dar um pau nele. Quebrar todos os dentes”, disse o banqueiro. Em outras mensagens, ele sugere intimidar uma pessoa que fez uma gravação indesejada dele, dizendo que era para “dar um sacode”. Em outro caso, afirmou quer “moer essa vagabunda”, referindo-se a uma empregada que o estaria ameaçando.



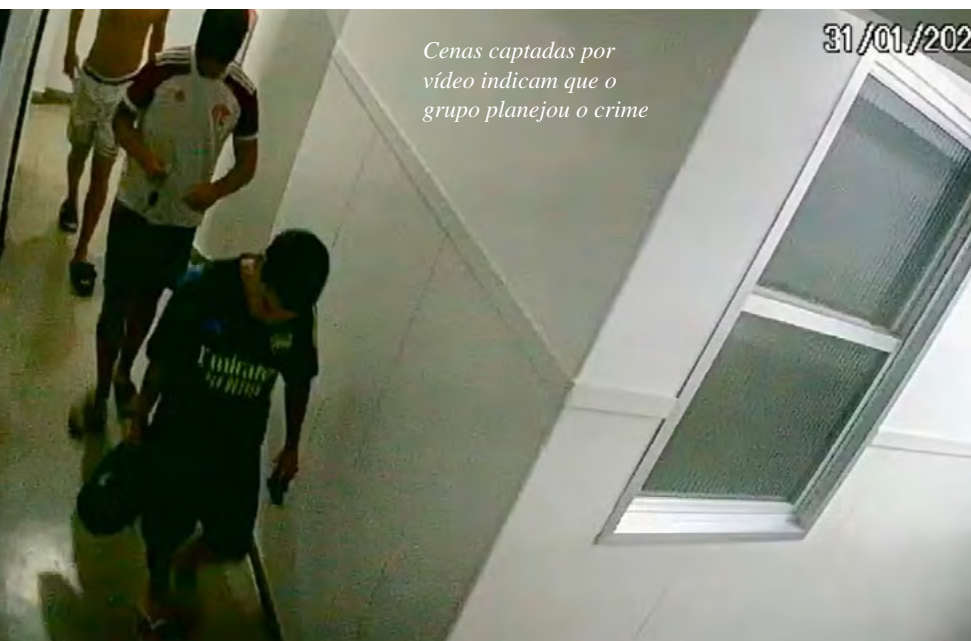
Daniel Vercaro trocava mensagens com “Sicário” com ameaças a quem o aborrecia

REPRODUÇÃO

Emboscada e estuprada

O caso de uma adolescente de 17 anos, atraída por um ex-namorado para um apartamento em Copacabana e violentada por quatro jovens adultos, choca o Brasil

Thais Fonseca



REPRODUÇÃO

A Polícia Civil do Rio de Janeiro prendeu quatro dos cinco envolvidos no caso de estupro coletivo de uma adolescente de 17 anos ocorrido em Copacabana, zona sul da capital. O crime ocorreu no dia 31 de janeiro, mas só foi divulgado um mês depois. Na manhã da quarta-feira, 4, o quarto jovem se apresentou à polícia.

Um adolescente de 17 anos, que já havia sido namorado da vítima, é apontado pela polícia como responsável por ter atraído a garota ao apartamento onde ela foi violentada pelo grupo. O jovem responde ao processo na Vara da

Infância e Juventude por crimes análogos aos dos quatro maiores de idade, que são acusados de estupro coletivo qualificado (já que a vítima é menor de idade) e cárcere privado. A audiência de instrução do adolescente está marcada para o dia 31 de março.

Os quatro réus são Mattheus Verissimo Zoel Martins e João Gabriel Xavier Bertho, ambos de 19 anos, Bruno Felipe dos Santos Allegretti e Vitor Hugo Oliveira Simonin, os dois com 18 anos. O último é filho de José Carlos Costa Simonin, ex-subsecretário estadual de Governança, Compliance e

Gestão Administrativa – ele foi exonerado na quarta-feira, 4. Em nota, a pasta explicou que a exoneração foi adotada no âmbito administrativo, “visando resguardar a integridade institucional e assegurar a condução responsável dos fatos noticiados”.

João Gabriel é jogador do Serrano Football Club (Serrano-RJ) e já disputou competições organizadas pela Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj). Em nota no Instagram, o clube informou que tomou conhecimento do indiciamento e decidiu afastar o suspeito. “Entendemos a gravidade da situação e reforçamos que o clube repudia veementemente qualquer forma de assédio ou violência. O atleta está afastado e seu contrato suspenso. Estamos acompanhando de perto o desenrolar do caso e os desdobramentos da investigação”.

As defesas de João Gabriel e de Vitor Hugo negam o crime. No entanto, vídeos divulgados pela polícia mostraram que houve premeditação, configurando que a jovem foi emboscada pelo grupo.

Segundo o inquérito da 12ª DP (Copacabana), que conduz as investigações, a vítima foi convidada pelo adolescente, que é colega de escola da garota. O rapaz pediu que ela levasse uma amiga, mas a adolescente foi sozinha.

No elevador, o adolescente avisou que mais amigos estariam no local, mas ela recusou qualquer relação com eles. Já no apartamento, ela foi levada para o quarto pelo rapaz. Quando mantinham relação sexual, os demais entraram no local. A jovem pediu que não fosse tocada, mas os rapazes tiraram a roupa e todos a violentaram.

Outros casos

A polícia informou que começou a investigar outras denúncias de estupro envolvendo alguns dos jovens do mesmo grupo. Após a repercussão deste caso, dois novos boletins de ocorrência foram registrados na terça-feira, 3. Um dos crimes teria sido cometido em 2023. Em outro caso recente, de outubro do ano passado, uma aluna do Colégio Pedro II, onde os jovens estudavam, também teria sido vítima do grupo. A polícia pretende avançar com as investigações ainda nesta semana. **E**



Magid Láuar foi afastado pelo Conselho Nacional de Justiça. Ele continua a receber salário integral

JUAREZ RODRIGUES

Reviravolta no Tribunal de Justiça mineiro

Afamado ao absolver um homem de 35 anos que estuprou uma menina de 12, o desembargador Magid Láuar foi afastado e agora enfrenta denúncias de crimes sexuais

Marina Miano

Afama veio de forma repentina. O desembargador Magid Nauef Láuar, integrante da 9ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), ganhou notoriedade ao ficar conhecida sua decisão de absolver um homem de 35 anos acusado de estuprar uma menina de 12. Diante da repercussão negativa, o magistrado reconsiderou sua posição e condenou o réu. O caso, no entanto, se desdobrou em proporções maiores quando o próprio desembargador passou a ser alvo de acusações de abuso sexual. Ao menos cinco pessoas vieram a público relatar episódios de violência, incluindo um primo, que utilizou as redes sociais para expor o ocorrido.

Na sexta-feira, 27, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) emitiu um co-

municado informando o afastamento imediato de Nauef do cargo. A medida visa garantir que as investigações a respeito dos supostos delitos sexuais transcorram sem qualquer tipo de comprometimento ou interferência. Os fatos sob apuração teriam ocorrido durante o período em que Láuar atuou como juiz de direito nas comarcas mineiras de Ouro Preto e Betim.

As cinco supostas vítimas já foram ouvidas pelo órgão corregedor, entre elas uma testemunha que atualmente reside no exterior. De acordo com informações divulgadas pelo CNJ, a maioria dos eventos prescreveu, porém foram identificados fatos recentes que ainda são passíveis de punição e permanecem como alvos centrais da investigação.

Apesar do afastamento das funções, o desembargador continua a receber salário integral, pois essa normativa está prevista nas resoluções do próprio CNJ. Paralelamente ao processo administrativo, a Polícia Federal deu cumprimento a um mandado de busca e apreensão no gabinete de Láuar no TJMG. Procurado pela reportagem, o tribunal afirmou ter tomado conhecimento sobre a decisão do CNJ.

Entre as supostas vítimas, a primeira pessoa a se manifestar foi Saulo Láuar, de 42 anos, primo do desembargador. Em suas palavras, o parente tentou abusar dele quando ele tinha apenas 14 anos. Saulo conseguiu escapar da situação.

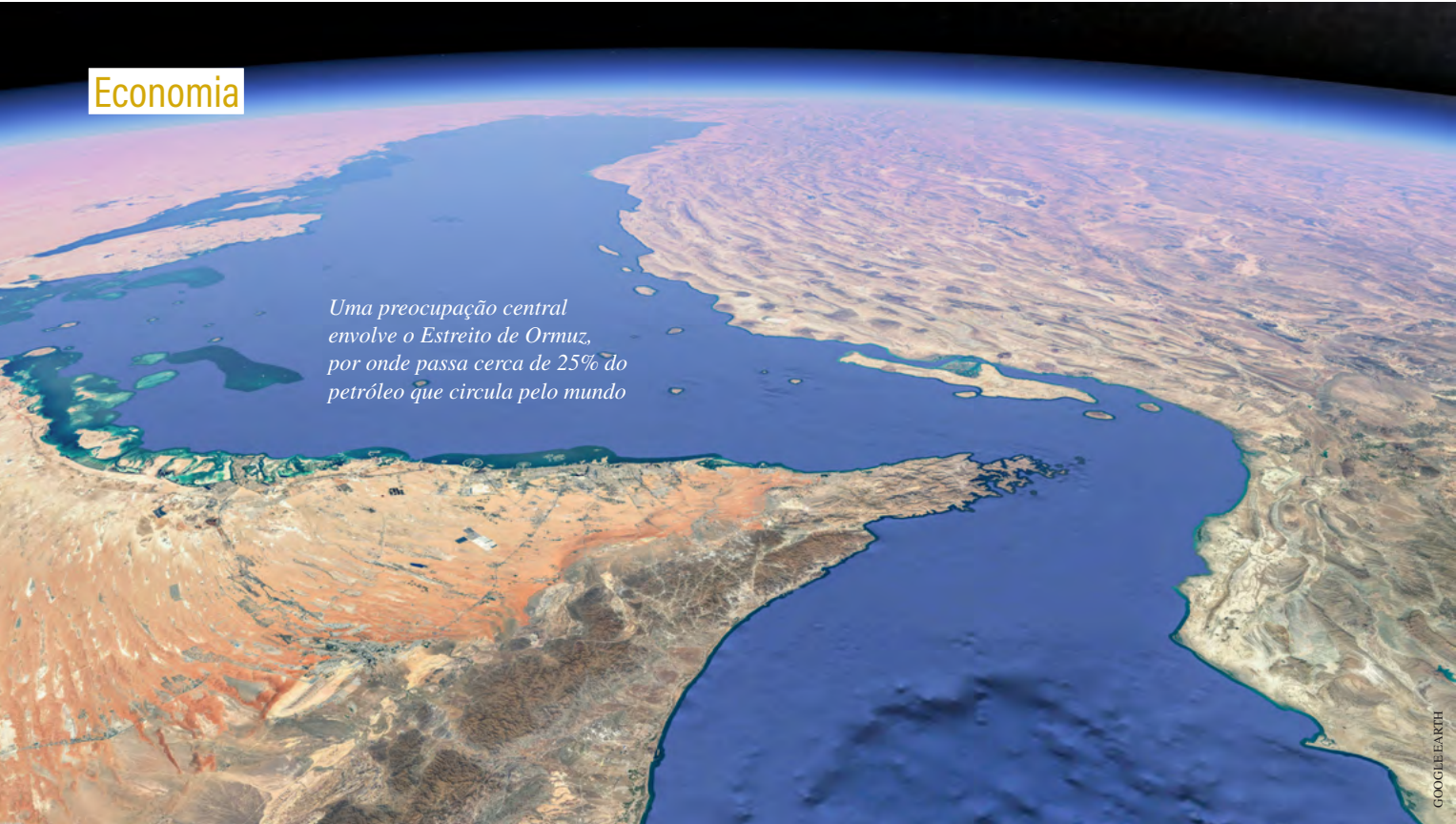
Nas redes, o primo revelou que, ao saber do caso da menina de 12 anos, sentiu o retorno de uma dor guardada por décadas. “Apesar de todo o tratamento psicológico que faço, a ferida se abriu novamente”.

Em entrevista ao programa “Fantástico”, Saulo detalhou a dinâmica do suposto abuso: “Ele pediu que eu levasse um documento para a casa dele, alegando que não iria ao fórum naquele dia. Quando eu sentei na cama, estava passando um filme pornográfico na televisão. Naquele exato momento, ele pegou a minha mão e a levou até o seu órgão genital”.

Além de Saulo, outras duas supostas vítimas, que optaram pelo anonimato, relataram abusos sofridos enquanto trabalhavam ou estagiavam com o então juiz. Uma delas relatou que foi beijada à força durante um almoço. “Eu me senti invadida, com nojo e constrangida. Não retornei mais ao estágio”, afirmou.

Já outra mulher descreveu agressões que teriam ocorrido no gabinete do magistrado em Betim, em 2009. Segundo ela, houve toques forçados e tentativas persistentes de beijos. “Na época eu tinha muito medo, pois ele é o juiz e o poder era dele; seria apenas a minha palavra contra a dele”, desabafou.

Quanto ao desfecho do caso que originou a polêmica, o homem acusado e a mãe da menina de 12 anos foram presos no dia 25 na cidade de Indianópolis, no Triângulo Mineiro. Ambos já iniciaram o cumprimento da pena de nove anos e quatro meses de reclusão. **E**



Uma preocupação central envolve o Estreito de Ormuz, por onde passa cerca de 25% do petróleo que circula pelo mundo

O efeito da guerra

Conflito no Oriente Médio põe economias globais em alerta devido aos riscos para a alta do custo energético; no Brasil, atenções se voltam para inflação e cadeias afetadas

Érica Polo, Alexandre Inacio e Bruno Pavan

A guerra no Oriente Médio, deflagrada a partir do ataque de Israel e Estados Unidos ao Irã no sábado, 28, causa enorme tensão para a economia global. Os desdobramentos para o mundo vão acontecer em ondas, dependendo do tempo que durar o confronto. O efeito imediato, com o estrangulamento do estratégico Estreito de Ormuz, por onde passa uma parte importante dos petroleiros que abastecem o planeta, é o custo energético. Economistas e especialistas setoriais ainda estão organizando os fatos para mensurar as consequências da guerra para os preços do petróleo e as movimentações envolvendo seguro e frete de navios, inflação e juros, exportações

e importações. Nesse cenário, o Brasil é resiliente hoje, mas é preciso aguardar o desenrolar do conflito nos próximos dias — ou semanas.

Uma questão central é exatamente o Estreito de Ormuz. É por onde passa cerca de 25% do petróleo que circula pelo mundo. Fechado oficialmente ou não — as narrativas de Irã e Estados Unidos divergiam quanto a isso —, o ponto é que os navios não arriscam passar, o que afeta as cotações da commodity, de seguros marítimos e inviabiliza operações de comércio internacional.

“O canal não está oficialmente fechado, mas está ameaçado pelo Irã. Então, há medo de passar por lá. Comentaram que o seguro por contêiner che-

gou a US\$ 4 mil, o que é praticamente inviável. As empresas estão esperando diminuir a tensão”, disse Welber Barral, ex-secretário de Comércio Exterior do Brasil e sócio da consultoria BMJ. O preço do petróleo subiu na segunda-feira, 2. O barril avançou 13% num mesmo dia e elevou a commodity de um patamar de US\$ 60 a mais de US\$ 80.

Só o risco de interrupção já eleva preços, afirmou George Sales, professor da Fipecafi (Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras). “O petróleo Brent [cotado na Europa] teve pico de 13% e, como o Brasil adota paridade internacional, isso encarece o diesel, que move 65% da carga interna”, explicou. Já Bruno Cordeiro, especialista da Stonex, acredita em impacto limitado, por enquanto. “O Brasil importa entre 5% e 10% da gasolina para o consumo interno. Já para o diesel, esse número chega a 30%”, observou.

Economistas consultados pela reportagem avaliam que, diante da gravidade do cenário, o petróleo subiu pouco até agora. Um dos fatores para isso é que há expectativa de haver acordo para o desfecho da guerra. “O próprio Trump disse que buscava resolver o conflito em um mês”, comentou Barral. “Mas pode haver mais alta do petróleo se começar a



O porto de Bandar Abbas, no Irã, é uma das principais entradas de produtos importados

2026 PLANET LABS PBC/REUTERS

faltar, ou seja, se houver dificuldade logística, para embarcar”, emendou. Ademais, há estoques de petróleo ainda em níveis relativamente altos.

Para alguns analistas, é preciso esperar mais alguns dias para projetar cenário mais claro. Malek Zein, analista da Suno Research, reforçou que o ataque, por ora, não alterou o cenário para oferta e demanda de petróleo no mundo. “O petróleo do Irã já é altamente sancionado. Mas é muito consumido pela China. No curto prazo, você tem incerteza, e incerteza leva à volatilidade”, avaliou.

Caso a guerra se estenda a um mês, o cenário ficará “bem mais complicado”, segundo Barral, já que isso não só afetará a disponibilidade e preços de petróleo e seguros de navios e cargas de modo geral, como impactará a logística do comércio local, sobretudo para as companhias brasileiras que têm clientes na região. Os preços vão subir se houver danos à infraestrutura de produção e transporte de petróleo, algo que pode ser agravado caso os países produtores da região declarem guerra ao Irã, ponderou Walter de Vitto, economista da consultoria Tendências.

Para a economia brasileira há efeito ambíguo. Se por um lado o petróleo é um item importante da atividade econômica e exportações, o que somado às reservas cambiais torna o país resiliente a choques externos nesse campo, por outro há risco para a inflação e controle de juros. Afora o preço do petróleo e as expectativas no universo macroeconômico, a guerra chacoalha os mercados financeiros. A bolsa brasileira, além do câmbio,

vive volatilidade. O valor das empresas nacionais encolheu R\$ 166 bilhões na terça-feira, 3, para R\$ 5,3 trilhões. O tombo, um destaque no trimestre, foi, em parte, recuperado no dia seguinte.

O confronto eclodiu às vésperas da próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central (BC), marcada para este mês. Há expectativa da primeira baixa da Selic. Para Zeina Latif, sócia da Gibraltar Consulting, o país tem “colchão” para absorver o impacto momentâneo da guerra no Oriente Médio. “A gente tem uma conta de petróleo que é superavitária; é o nosso principal produto de exportação”, disse.

A preocupação do mercado é o petróleo porque alterações bruscas de preços na commodity geram reflexos, especialmente sobre a inflação — e, consequentemente, sobre o futuro da taxa de juros. “O risco inflacionário existe e pode levar o BC a ser mais cauteloso”, afirmou o economista Silvio Campos Neto, também da Tendências. A volatilidade é alta. Mas sem uma escala mais acentuada do conflito no Irã, os efeitos sobre a inflação no Brasil tendem a ser baixos. Mesmo com a alta imediata no petróleo, a expectativa é que os preços recuem ao longo das próximas semanas.

Os economistas da Tendências acreditam que o conflito — ao menos nas atuais condições — não impeça o corte da Selic neste mês. O que pode ocorrer é um início de corte em ritmo mais cauteloso, em 25 pontos-base na próxima reunião. A taxa de juros é de 15% ao ano.

Parte dos agentes do mercado brasileiro, por ora, ainda não considera impactos muito relevantes. Outras variáveis como desempenho do Produto Interno Bruto (PIB), quadro fiscal e eleições precisam ser inseridas nos modelos para a decisão, além da guerra no Irã. “Para [a próxima reunião do] Copom, acreditamos que nada muda a princípio. Continuamos esperando o início do ciclo de cortes para a reunião de março. Porém, a incerteza causada pelo conflito pode levar a um encerramento do ciclo de cortes antes da hora. Mas isso dependerá da duração e tamanho do conflito”, declarou André Valério, economista sênior do Inter.

O secretário do Tesouro Nacional, Rogério Ceron, afirmou que o novo cenário geopolítico pode até gerar efeitos positivos. Um deles é para o próprio setor de petróleo. Cordeiro, da Stonex, apontou tendência de aumento na busca pelo óleo bruto produzido no Brasil, principalmente pela China.

A aversão ao risco global fortaleceu o dólar, que beira os R\$ 5,20, e beneficia quem exporta, mas encarece insumos importados. No comércio, a instabilidade sobre o petróleo e preços de fretes e seguros marítimos pode gerar um efeito cascata sobre compra e venda de produtos agrícolas, como soja, milho e açúcar.

A indústria de proteínas é um dos segmentos que poderão ser afetados se o conflito continuar mais tempo. Ainda que o Irã isoladamente não represente um grande destino para a carne de frango do Brasil, o Oriente Médio responde por mais de 30% das exportações brasileiras. Só em 2025 foram embarcadas cerca de 1,6 milhão de toneladas para os países da região.

A maior parte dessa carne acessa a região exatamente pelo famoso Estreito de Ormuz. Com exceção da Arábia Saudita, que utiliza prioritariamente o porto de Jeddah, no Mar Vermelho, Emirados Árabes, Iraque, Kuwait e Catar dependem que as cargas entre em seus portos passando por Ormuz. Na prática, metade do frango brasileiro que chega ao Oriente Médio passa pela região ameaçada pelo Irã. Por enquanto, as empresas estão avaliando os reais impactos sobre os embarques, informou a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). **E**

Delivery na Justiça

Keeta adia expansão para focar esforços em briga jurídica contra concorrentes; disputa pelo mercado esquenta neste início de ano

Matheus Almeida

Qiu, CEO da Keeta, diz que tem provas de práticas irregulares da concorrência



BRENO DA MANTIA

Os aplicativos de entrega de comida estão com apetite – e a disputa está ganhando temperatura desde o final do ano passado. Recém-chegada ao mercado brasileiro, a chinesa Keeta resolveu adiar por prazo indeterminado o início das suas operações no Rio de Janeiro, inicialmente programado para março. A empresa anunciou que irá focar esforços em uma disputa jurídica contra práticas dos seus principais concorrentes no país, a brasileira iFood e a também chinesa 99Food.

O CEO da Keeta no Brasil, Tony Qiu, afirmou à reportagem que a companhia levará à Justiça novas provas de que suas concorrentes utilizam contra-

tos de exclusividade irregulares para manter o domínio sobre o mercado de delivery brasileiro.

Serão movidas ações, simultaneamente, junto ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e na Justiça civil. As regras atuais proíbem que o iFood assine contratos de exclusividade com redes de restaurantes com mais de 30 unidades.

Acordos desse tipo, fechados pelo iFood antes de a regulamentação ser implementada, não poderiam ser renovados após o vencimento.

No entanto, Qiu disse que encontrou contratos assinados após o prazo estipulado. “Nós estamos levando no-

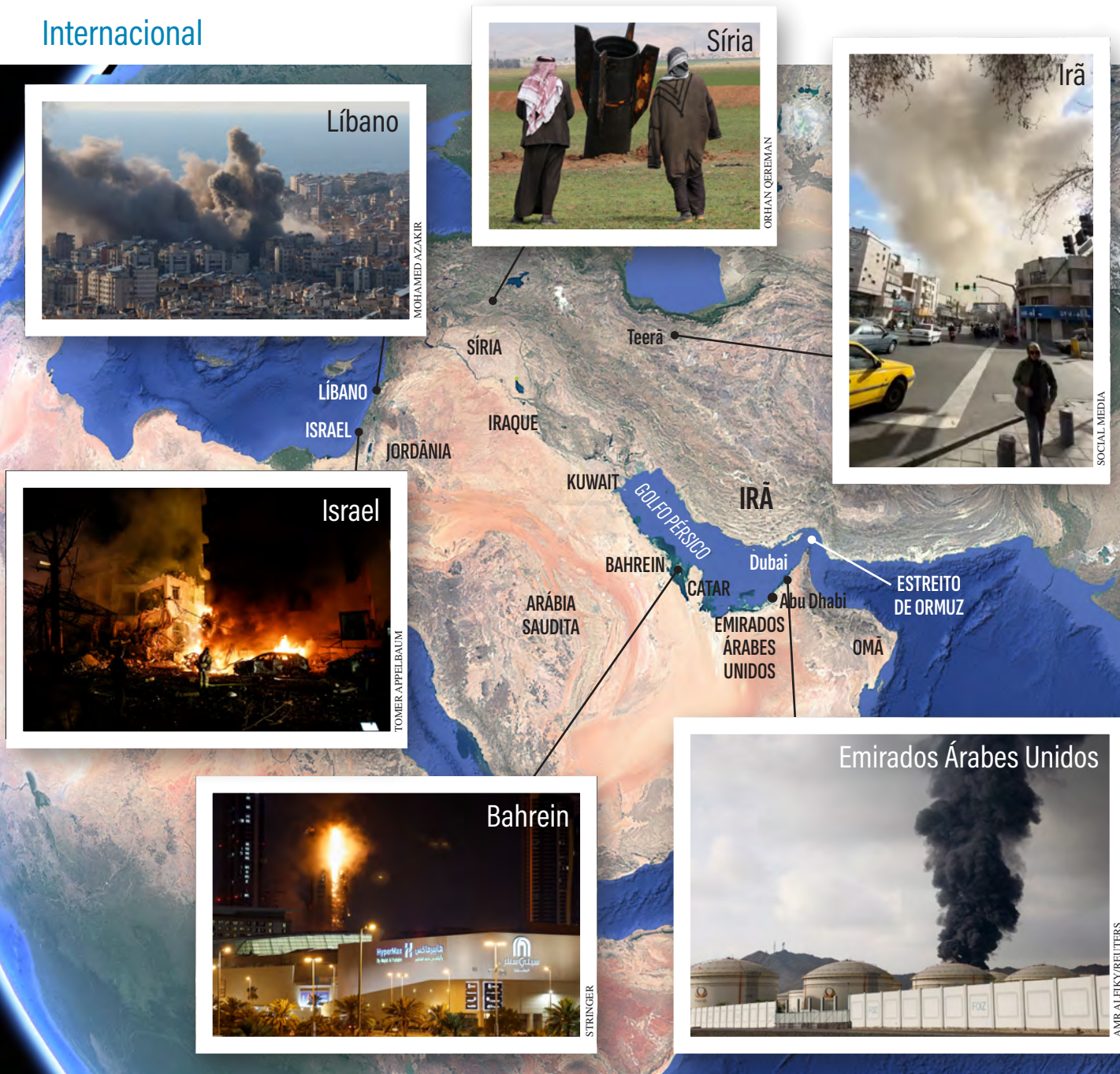
vas evidências para as autoridades e esperamos conseguir a ajuda delas”.

Questionado pela reportagem, o iFood respondeu, em nota, que “é incorreto” afirmar que o mercado de delivery esteja fechado à concorrência por conta dos contratos de exclusividade. Argumentou que “há exceções que permitem contratos com prazo superior a dois anos quando o iFood faz investimentos que geram o crescimento para o restaurante parceiro”. Segundo a companhia, essas regras estão previstas em acordo firmado pela plataforma com Cade, o qual “está sendo cumprido em sua totalidade”. A líder no mercado acrescenta ainda que “causa estranheza que os contratos de exclusividade estejam impactando uma determinada plataforma, sem atingir outros concorrentes que seguem investindo”.

Já a 99Food estaria, na visão do executivo da Keeta, ferindo a liberdade de mercado com seus “contratos de semi-exclusividade”, os quais apresentam cláusulas específicas contra a entrada da Keeta em grandes cadeias como Outback, Starbucks e Burger King. A 99Food não se pronunciou. A decisão de suspender a expansão para outros lugares do país deixa a Keeta com a menor abrangência geográfica entre as empresas do segmento.

A companhia chinesa chegou ao Brasil em novembro de 2025, e as primeiras operações ocorreram na Baixada Santista (SP). Pouco depois, deu início às atividades na capital paulista. Apesar do pequeno alcance geográfico, o CEO da Keeta afirma que a empresa alcançou números satisfatórios onde atua, com 2,8 milhões de downloads e um crescimento de 40% na base de restaurantes desde sua chegada. A chinesa mantém seu plano de investimento de R\$ 5,6 bilhões em cinco anos para crescer no Brasil.

Meses antes da entrada da Keeta no país, a 99Food voltou a fazer entregas, em junho do ano passado. Negócio parado desde 2023, a 99Food começou o delivery de comida em Goiânia (GO), seguindo para as capitais e regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Bahia e Pernambuco. Já o brasileiro iFood segue líder com folga no país, com operação em mais de 1,5 mil cidades. **E**



Para onde seguirá o Irã?

Ataques dos Estados Unidos e de Israel ao Irã decapitam o violento regime xiita e deixam um rastro de destruição e morte que pode lançar o Oriente Médio em um caos sem precedentes

O presidente dos Estados Unidos Donald Trump tem uma maneira peculiar de buscar seus propósitos de paz, propagandeados desde o início de seu segundo mandato, em janeiro de 2025. De acordo com o mandatário, já foram resolvidas oito guerras em dez meses de governo, como declarou no discurso Estado da União, proferido no Congresso na semana passada. Momento em que o chefe da Casa Branca presta contas de sua gestão, ante parlamentares da situação e da oposição, Trump enumerou, em meio a sua extensa fala (de 108 minutos de duração), conflitos como Israel e Gaza — ainda uma incógnita quanto a seu futuro — e Israel e Irã. O presidente norte-americano vinha afirmando que negociava um novo acordo nuclear com os iranianos, com conversas mediadas por Omã, havia cerca de três semanas. Quatro dias depois do discurso em Washington, Trump e o governo israelense coordenaram um ataque aéreo sobre o Irã.

Teerã, a capital, onde vivem cerca de dez milhões de pessoas, foi bombar-

deada por volta das 9h30 da manhã do sábado, 28 (3h da madrugada no fuso de Brasília). A região onde fica o complexo residencial do líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei, tinha sido atingida. Naquelas primeiras horas, não se sabia se ele estava morto ou vivo — no final do dia, porém, foi confirmada a morte da principal liderança do Irã, que controlava o país com mão de ferro e apoio da temida e sanguinária Guarda Revolucionária. Explosões também foram relatadas em outras cidades. Vídeos circulavam nas redes sociais, espalhando a notícia do ataque.

Em Israel, os primeiros alertas para a população começaram a ser disparados via celulares. Sirenes também soaram pelas cidades: era o sinal de que as pessoas deveriam se dirigir imediatamente a abrigos antibombas. Prováveis retaliações estavam a caminho. O ministro da Defesa, Israel Katz, anunciou que o país estava em estado de emergência. Ele comunicou que tinha sido iniciada uma ofensiva como ação preventiva para eliminar ameaças ao Estado de Israel. E o primeiro-mi-

nistro, Benjamin Netanyahu, reforçou essas palavras na TV, afirmando que o ataque, impetrado junto com os Estados Unidos, visava eliminar a “ameaça existencial” que os programas nucleares e balísticos iranianos representam para o país. No foco da operação estavam centros militares, de segurança, inteligência e de poder do governo da República Islâmica, regime teocrático que controla o Irã desde 1979.

Mas civis também foram atingidos. Uma escola para meninas em Minab, no sul do país, foi destruída. Havia estudantes no local. Agências de notícias iranianas reportam que mais de 150 meninas morreram no ataque, e mais de 90 crianças ficaram feridas (leia mais à pág. 18). A Human Rights Activists News Agency (HRANA), organização de direitos humanos sediada nos Estados Unidos, destaca que mais de 1.000 civis foram mortos nos primeiros cinco dias dos bombardeios.

Em seu primeiro pronunciamento sobre o ataque, que chamou de operação Fúria Épica (os israelenses escolheram outro nome, Rugido do Leão), Trump se dirigiu às forças iranianas, dizendo: “Deponham suas armas ou enfrentarão morte certa”. Em um vídeo com pouco mais de oito minutos, publicado em sua rede social, o presidente surgiu com um boné onde se lê “USA”. O tom da mensagem não permite dúvidas. “Nosso objetivo é defender o povo norte-americano, eliminando ameaças iminentes do regime iraniano, um grupo implacável de pessoas muito duras e terríveis. Suas atividades ameaçadoras colocam em risco direto os Estados Unidos, nossas tropas, nossas bases no exterior e nossos aliados em todo o mundo”.

Trump continuou: “Durante 47 anos, o regime iraniano tem gritado ‘Morte aos Estados Unidos’ e tem re-



PLEIADES NEO (C) AIRBUS DS 2026/REUTERS

O ataque à Teerã começou por volta das 9h30 da manhã; no foco, estavam centros militares e de poder, mas civis também foram atingidos

alizado uma campanha incessante de banhos de sangue e massacres em massa (...). Entre os primeiros atos do regime esteve o apoio à violenta tomada da embaixada norte-americana em Teerã, na qual manteve dezenas de reféns durante 444 dias”. Comandada por estudantes que apoiaram a Revolução Islâmica – que derrubou o xá Mohammad Reza Pahlavi e instaurou o regime controlado pelos aiatolás –, a invasão aconteceu em 4 de novembro de 1979. Os 52 norte-americanos cativos foram libertados em 20 de janeiro de 1981, após longas negociações. O episódio rompeu as relações diplomáticas entre os dois países, que nunca mais foi constituída na forma como era antes da implementação do governo teocrático.

Feita essa simbólica referência, o presidente dos Estados Unidos rememorou outras crises vividas entre as duas nações desde a década de 1980 e afirmou que o Irã é o patrocinador do terrorismo pelo mundo. “Do Líbano ao Iêmen e da Síria ao Iraque, o regime armou, treinou e financiou milícias terroristas que encharcaram a terra de sangue e vísceras. E foi o Hamas, aliado do Irã, que lançou os monstruosos ataques de 7 de outubro contra Israel”. Ele não esqueceu os recentes protestos da população nas ruas do país, com a morte de milhares de pessoas (não há números oficiais, mas alguns organismos internacionais falam em 7 mil vítimas das forças repressoras do regime xiita; entre elas estão muitas mulheres que ousaram enfrentar regras como o uso do hijab, o véu islâmico).

Outro ponto fundamental da fala de Trump — que, mais uma vez, como no caso da Venezuela, não recorreu ao Congresso para expor e aprovar seus planos — se refere ao armamento nuclear e ao enriquecimento de urânio, com acusações que acompanham o regime dos aiatolás desde os anos 1990 e que levaram até a um Acordo Nuclear em 2015, depois cancelado pelos Estados Unidos em 2018, com Trump em seu primeiro mandato. “Advertimos que nunca retomassem sua pérfida busca por armas nucleares, e buscamos repetidamente chegar a um acordo. Tentamos. Eles queriam fazer. Não queriam fazer. E depois queriam fazer. Não queriam fazer. Não entendiam o

que estava acontecendo. Só queriam fazer o mal. Mas o Irã se recusou, como tem feito há décadas. Eles rejeitaram todas as oportunidades de renunciar a suas ambições nucleares. E não podemos mais aceitar isso”, completou.

Disse ainda que “bravos heróis americanos podem perder a vida”, o que “acontece com frequência na guerra”. E se dirigiu à população iraniana: “A hora de sua liberdade está ao seu alcance. Permaneçam abrigados. Não saiam de suas casas. É muito perigoso sair. Bombas vão cair por toda parte. Quando tivermos terminado, tomem o poder”.

O povo, de fato, foi às ruas. Os protestos massivos dos últimos meses já demonstravam a insatisfação popular com os rumos do país. Com a confirmação da morte de Khamenei, a população se dividiu entre os que festejaram o fim do aiatolá e os que desejavam vingança. Enquanto apoiadores do regime participaram de atos organizados por autoridades e grupos religiosos, outros setores da sociedade expressaram críticas ao sistema político e questionaram o futuro da República Islâmica.

Reação pulverizada

Do lado bélico, a resposta iraniana surpreendeu governos. Autoridades nos Estados Unidos e em Israel não espe-

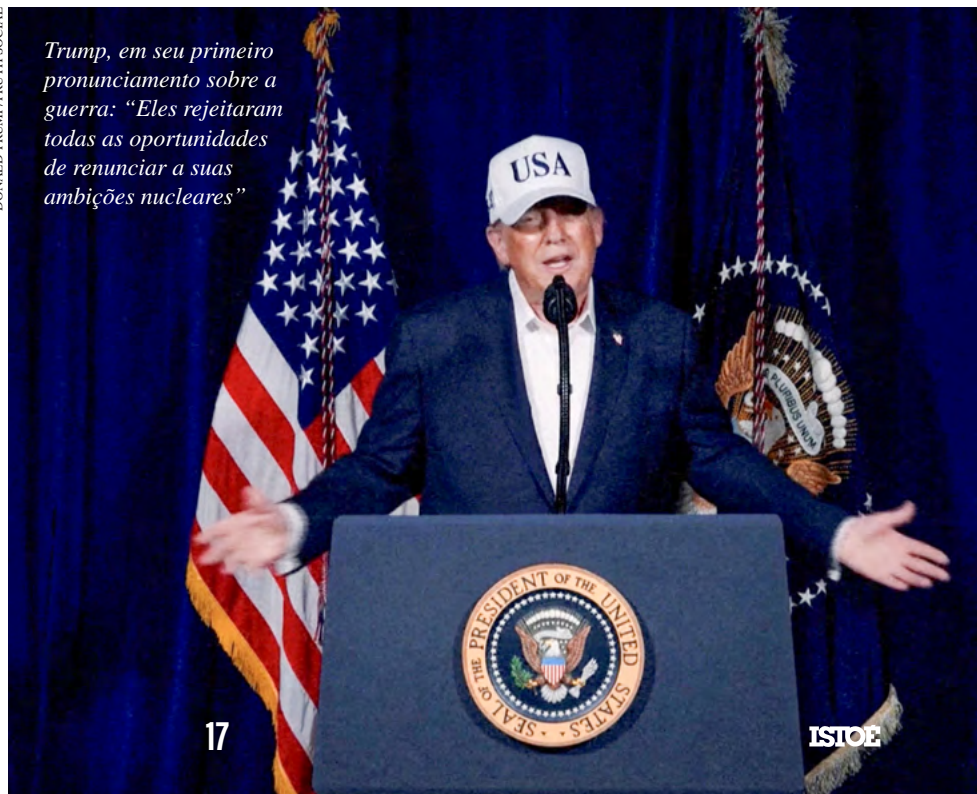
ravam que o país reagisse com ataques amplos pelo Oriente Médio. A Guarda Revolucionária e forças armadas lançaram uma série de mísseis balísticos e drones contra alvos em diferentes partes da região.

Os ataques atingiram principalmente países do Golfo Pérsico e áreas onde existem instalações militares utilizadas pelos Estados Unidos. Sistemas de defesa aérea foram acionados em vários pontos para interceptar a reação iraniana. Embora muitos tenham sido neutralizados, fragmentos e impactos atingiram áreas civis, ampliando o temor de que a guerra se espalhe para centros urbanos e turísticos. E criou-se um caos nos aeroportos, com voos cancelados e passageiros sendo obrigados a fazer paradas forçadas já que o espaço aéreo foi fechado. As viagens só começaram a ser retomadas, aos poucos, na quinta-feira, 5.

No entanto, as ofensivas iranianas não atingiram somente as instalações militares. Em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, no primeiro dia do conflito, um drone atingiu a região de Palm Jumeirah, uma área de luxo, provocando danos nas proximidades do hotel cinco estrelas Fairmont The Palm, um dos endereços mais requintados da cidade. O ataque gerou fogo e destruição em áreas próximas, além

DONALD TRUMP/TRUTH SOCIAL

Trump, em seu primeiro pronunciamento sobre a guerra: “Eles rejeitaram todas as oportunidades de renunciar a suas ambições nucleares”





JILL CONNELLY/REUTERS



MAJID ASGARPOUR/REUTERS

A morte do aiatolá Ali Khamenei mostrou a divisão do país: parte celebrou nas ruas; outra buscou vingança

de deixar feridos. Ele simbolizou a expansão do conflito para além das bases dos Estados Unidos no Oriente Médio. A ampliação geográfica da resposta iraniana elevou rapidamente o risco da guerra para proporções maiores.

Ao longo da semana, os ataques continuaram pulverizados pela região. O ministério da Defesa dos Emirados Árabes Unidos informou na quinta-feira, 5, que interceptou e destruiu seis mísseis balísticos e 131 drones no dia. Porém, um míssil e seis drones caíram em território nacional. Desde o início do conflito, foram detectados 196 mísseis balísticos. Oito mísseis de cruzeiro também foram identificados e destruídos. Três pessoas morreram, todas es-

População se comoveu com a morte de centenas de estudantes de uma escola no início do conflito



AMIRHOSSEIN KHORGOOEI

trangeiras (Paquistão, Nepal e Bangladesh). O número de feridos chegou a 94.

Ataques assim foram registrados em países como Bahrein, Kuwait e Omã, que concentram parte significativa da presença militar ocidental no Golfo. No primeiro caso, um impressionante vídeo tomou as redes sociais mostrando um prédio residencial de alto padrão na capital do Bahrein, Manama, sendo atingido por um drone. Na segunda-feira, 2, a infraestrutura de um data center da Amazon foi danificada após bombardeios – a companhia também sofreu com ataques nos Emirados Árabes. As forças armadas do Bahrein declararam que até a quinta-feira, 5, destruíram 75 mísseis iranianos e 123 drones desde que Teerã reagiu à operação cooperada entre Israel e Estados Unidos.

Entre as primeiras vítimas, alunas de uma escola

Uma escola primária feminina em Minab, no sul do Irã, causou comoção e desespero entre a população do Irã no primeiro dia dos ataques ao país coordenados por Israel e Estados Unidos. O prédio foi atingido em um bombardeio enquanto estudantes estavam em aula. O Ministério da Educação afirma que foram 153 as mortes e 95 as alunas feridas — os números podem diferir porque, em tempos de guerra, as estatísticas também são afetadas. A maioria das vítimas, pelo que informa o governo iraniano, tinha entre 7 e 12 anos.

Milhares de pessoas participaram do funeral coletivo das crianças, com pais carregando fotografias das vítimas e caixões cobertos com a bandeira iraniana pelas ruas de Minab. Organismos internacionais condenaram o ataque. Segundo a Unesco, a morte de estudantes em um espaço de aprendizagem representa "grave violação da proteção concedida às escolas pelo direito internacional humanitário". O Alto Comissariado da ONU para Direitos Humanos pediu uma investigação rápida e imparcial, enquanto entidades como a Anistia Internacional alertaram para possíveis violações do direito humanitário e para o impacto crescente da guerra sobre civis. O secretário de Defesa dos Estados Unidos, Pete Hegseth, disse que jamais miraram a população e que o caso está em investigação.

A sucessão do líder supremo

A morte do aiatolá Ali Khamenei, de 86 anos, no sábado, 28, abriu um complexo processo de sucessão no Irã. Pela Constituição do país, cabe à Assembleia dos Peritos, formada por 88 clérigos especializados em direito islâmico (sharia), escolher o novo líder supremo, cargo que concentra autoridade religiosa, política e militar sobre o Estado.

O processo ganhou contornos dramáticos na terça-feira, 3, quando um ataque israelense atingiu o prédio em Qom, cidade religiosa a cerca de 100 quilômetros de Teerã, onde os membros da Assembleia se reuniriam para discutir a sucessão. Não se sabe se o ataque acarretou em mortos e feridos.

Se a República Islâmica for mantida, o novo líder terá o comando das forças armadas e influência decisiva sobre a economia e a política local e externa, além de autoridade sobre as instituições religiosas. Mas analistas internacionais sustentam que esse poder minguou nos anos mais recentes.

Entre os nomes mais citados para o posto está Mojtaba Khamenei, filho do líder morto e figura próxima à Guarda Revolucionária. Ele não é aiatolá como seu pai.

A disputa ocorre sob forte pressão externa. Autoridades norte-americanas e israelenses também advertiram que o novo líder poderá se tornar alvo militar, caso mantenha a estratégia de confronto do governo anterior. A escolha deverá ficar para a próxima semana, depois dos ritos fúnebres que serão dedicados a Khamenei. Eles iriam acontecer na quarta-feira, 4, mas foram adiados para uma data indeterminada.

A violência foi escalando desde o primeiro dia, com ações orquestradas pelos três países — os demais trataram de se defender. Na madrugada de segunda-feira, 2, entrou em cena o Hezbollah, que atacou com foguetes e drones instalações militares no norte de Israel, como resposta à morte de Ali Khamenei. Israel respondeu com bombardeios sobre áreas do Líbano onde o grupo militar atua. O governo libanês condenou a ação do Hezbollah e proibiu suas atividades, classificando-as de ile-



gais. Mas as baixas continuaram. O Líbano pediu na quarta-feira, 4, apoio aos Estados Unidos para que o país não seja mais alvo de Israel. Foram contabilizadas mais de 70 mortes, a maior parte de civis, como consequências da guerra.

Passagem para o petróleo

Outro alvo da preocupação internacional envolve o Estreito de Ormuz. A passagem marítima, que conecta o Golfo Pérsico ao Oceano Índico, é uma das rotas mais estratégicas do comércio global. Estima-se que aproximadamente um quinto do petróleo transportado por mar no mundo passe pelo estreito. Qualquer ameaça ao fluxo de navios na região tem potencial de provocar choques imediatos nos preços do petróleo e derivados e impactar cadeias globais de abastecimento. O preço do barril (Brent, referência internacional), por sinal, atingiu, na terça-feira, 3, seu maior valor desde 2024, chegando a alcançar US\$ 85,12, mas depois houve queda. Na quinta-feira, 5, o valor estava em US\$ 82,26.

A Guarda Revolucionária divulgou na quarta-feira, 4, que o estreito está sob controle total da marinha da República Islâmica e que o espaço está fechado para operações dos Estados Unidos e de quem apoiar o ataque ao Irã. Na véspera, Trump havia afirmado,

em sua rede social, que as forças armadas norte-americanas poderiam atuar como escolta de petroleiros pela passagem, garantindo o fluxo de transporte de combustível. Nesse dia, o exército dos Estados Unidos contou ter afundado 17 embarcações iranianas.

O impasse sobre o Estreito de Ormuz atemoriza mercados europeus e asiáticos. O velho continente tem sofrido com os preços de petróleo e derivados desde a guerra entre Rússia e Ucrânia. E a China é uma contumaz compradora de barris: são dez milhões por dia, com quase metade vindo do Golfo Pérsico. O bloqueio da rota marítima, portanto, afeta diretamente seus interesses. Não à toa, as forças iranianas dirigiram suas atenções para refinarias na região, afetando a exploração de petróleo e a produção de derivados.

Europa e Brics: cautela e divergências

Organizações internacionais tentam conter a escalada, mas nada está muito claro até o momento. A ONU e a União Europeia intensificaram apelos por moderação e retomada de negociações diplomáticas, enquanto governos europeus discutem como responder ao agravamento da crise. Na Espanha, o primeiro-ministro, o socialista Pedro



Dubai foi um dos alvos das forças armadas iranianas; a região de luxo da cidade, onde estão hotéis requintados, foi atingida

REPRODUÇÃO/REUTERS

Sánchez, se mantém firme na posição de “não à guerra”, o que despertou críticas na Casa Branca. Com isso, o premiê indica que não cederá as bases militares norte-americanas instaladas no país para ataques ao Irã. “Não seremos cúmplices de algo que é ruim para o mundo e também contrário aos nossos valores e interesses, simplesmente por medo das represálias de alguém”, declarou.

A União Europeia divulgou um comunicado na quarta-feira, 4, dizendo estar preparada para defender os interesses do bloco e de seus Estados-membros. Foi uma resposta à ameaça de Trump cortar o comércio com a Espanha devido à posição do governo. Por sua vez, Alemanha, França e Reino Unido adotaram uma postura cautelosa em relação ao conflito. No fim de semana do primeiro ataque, eles divulgaram uma carta em que alertaram o Irã que poderiam adotar “medidas defensivas” para destruir mísseis e drones, caso não fossem interrompidos “ataques indiscriminados”. Desde então, porém, parecem não saber o que fazer.

Nos Brics, o cenário é de opiniões divididas. O bloco é formado por Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Egito, Etiópia, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Indonésia, além do próprio Irã. Os três primeiros criticaram a ofensiva de Israel e Estados Unidos. Já a Índia — que preside o bloco, neste momento —, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos condenaram os ataques do Irã às bases norte-americanas localizadas nos países do Golfo.

Nos Estados Unidos, duas pesquisas mostram que a operação conjunta dos governos Trump e Netanyahu não

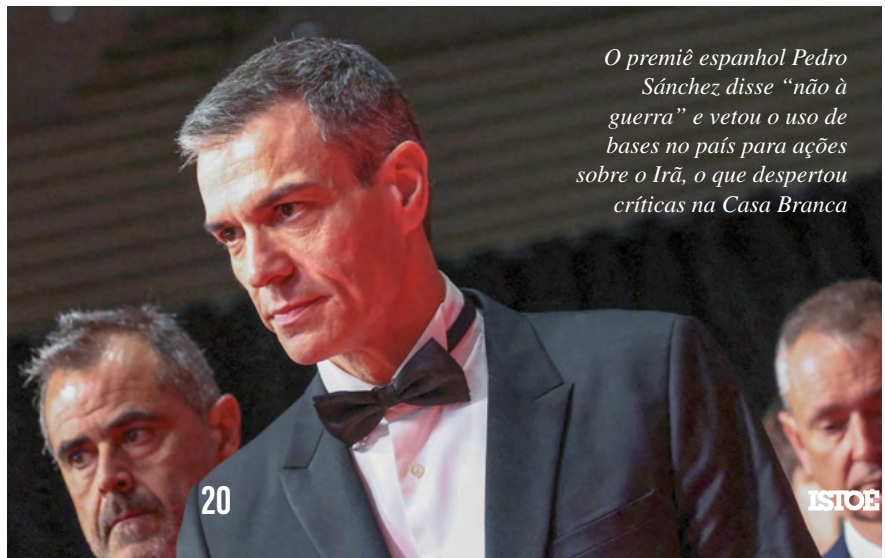
agradou a maior parte da população. Um levantamento da CNN, feito logo após os primeiros bombardeios, indica que quase 60% dos norte-americanos desaprova os ataques. Outra pesquisa, da Reuters/Ipsos, revelou que, para 56% dos entrevistados, Trump está “disposto demais” a usar força militar na defesa dos interesses do país. Apenas 35% disseram que ele agiu de modo adequado. Resta ver como irá evoluir a aprovação do presidente enquanto durar a guerra.

Nestes dias em que as bombas e os drones se destacam nas manchetes, é importante lembrar que a história do Irã vai muito além do regime xiita. A nação ocupa um lugar singular na formação da civilização. No tempo em que se chamava Pérsia, o país desenvolveu modelos de administração de territórios multiculturais, com províncias organizadas e sistemas de comunicação que influenciaram outros impérios. Ele também estabeleceu inovadoras políticas de relativa tolerância, inclu-

sive religiosa: o Cilindro de Ciro, um dos primeiros documentos que tratam desse tema no mundo, data aproximadamente de 539 a.C., período em que Ciro, o Grande, conquistou a cidade de Babilônia. O artefato de argila traz um texto que descreve decisões atribuídas ao novo governante, como permitir o retorno de pessoas exiladas às suas terras, restaurar templos e cultos religiosos e respeitar as tradições locais dos povos submetidos ao império.

A tradição intelectual persa também teve impacto nas ciências. Entre os exemplos notáveis estão os matemáticos Al-Khwarizmi, que no século 9 sistematizou métodos de resolução de equações e deu origem ao conceito de álgebra e à noção de algoritmo, e Omar Khayyam, que no século 11 desenvolveu métodos geométricos para resolver equações cúbicas e contribuiu para o avanço da geometria.

No campo cultural contemporâneo, o Irã é reconhecido pelo cinema. Destacam-se diretores como Abbas Kiarostami, vencedor da Palma de Ouro em Cannes por “Gosto de Cereja” (1997), e Asghar Farhadi, dono de Oscars de Filme Internacional com “A Separação” (2011) e “O Apartamento” (2016). Jafar Panahi, radicado na França, conquistou a Palma de Ouro do ano passado com “Foi Apenas um Acidente”, que está na disputa do Oscar 2026. Também ganhou projeção “A Semente do Fruto Sagrado” (2024), de Mohammad Rasoulof, indicado ao Oscar 2025. A obra, porém, foi derrotada na categoria de Filme Internacional por “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles. 



O premiê espanhol Pedro Sánchez disse “não à guerra” e vetou o uso de bases no país para ações sobre o Irã, o que despertou críticas na Casa Branca

NACHO DOCE/REUTERS

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Estados Unidos

Prefeito de NY pede US\$ 21 bi para habitação

O prefeito de Nova York, Zohran Mamdani, se reuniu na quinta-feira, 26, com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, na Casa Branca, para pedir US\$ 21 bilhões em recursos federais destinados à construção de 12 mil moradias acessíveis e obras de infraestrutura. Segundo a prefeitura, a iniciativa pode representar o maior investimento em habitação e infraestrutura na cidade em mais de 50 anos.

Cuba

Tripulantes de barco dos EUA são acusados de terrorismo

Seis tripulantes de um barco procedente dos Estados Unidos foram formalmente acusados de terrorismo em Cuba, informou o Ministério Público na quarta-feira, 3. Eles faziam parte de um grupo com dez homens armados interceptados no dia 25 de fevereiro pela guarda costeira. Segundo os cubanos, os tripulantes abriram fogo quando foram abordados. Quatro pessoas morreram no confronto. No barco, foram apreendidas armas de vários calibres e cerca de 13 mil munições.

Bolívia

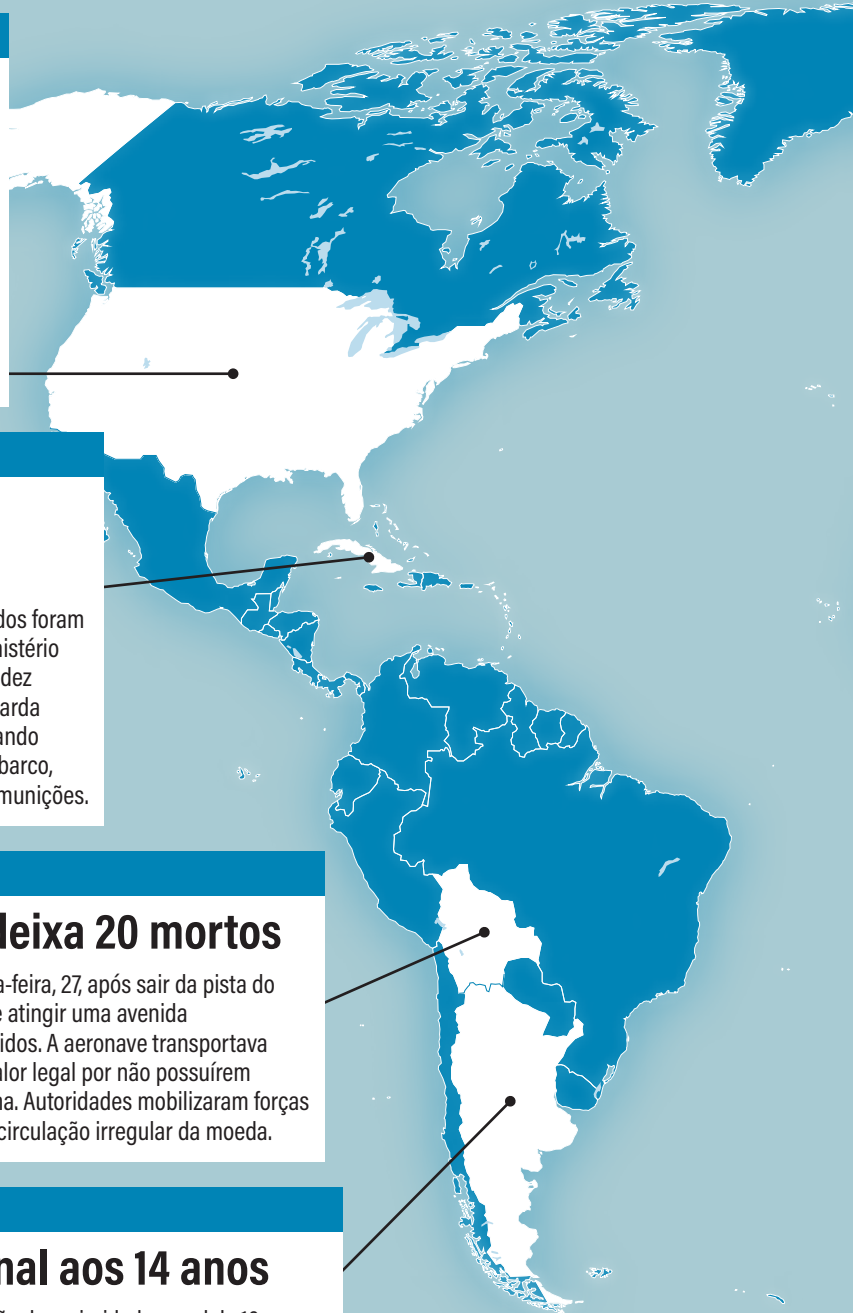
Queda de avião com dinheiro deixa 20 mortos

Um avião Hércules da Força Aérea Boliviana caiu na sexta-feira, 27, após sair da pista do aeroporto internacional de El Alto, na proximidade de La Paz, e atingir uma avenida movimentada, deixando ao menos 20 mortos e dezenas de feridos. A aeronave transportava cédulas destinadas ao Banco Central que ainda não tinham valor legal por não possuírem número de série. O impacto espalhou dinheiro pela área urbana. Autoridades mobilizaram forças de segurança e iniciaram a incineração das notas para evitar circulação irregular da moeda.

Argentina

Senado aprova maioria penal aos 14 anos

O Senado da Argentina aprovou na sexta-feira, 27, a redução da maioria penal de 16 para 14 anos, por 44 votos a 27. A mudança representa uma vitória política do presidente Javier Milei, que defendia reduzir a idade mínima para 13 anos, mas aceitou um acordo no Congresso. Em nota, o governo afirmou que a reforma atualiza a legislação diante da atual realidade criminal do país.



China

Três generais são expulsos de órgão consultivo

A Conferência Consultiva Política do Povo Chinês destituiu na segunda-feira, 2, três generais da reserva — Han Weiguo, Liu Lei e Gao Jin — de seu quadro de membros, informou a agência estatal Xinhua. A decisão ocorre poucos dias antes do início das “Duas Sessões”, principais encontros políticos anuais do país, realizados em Pequim. O episódio integra a campanha anticorrupção conduzida pelo presidente Xi Jinping, secretário-geral do Partido Comunista desde 2012, que nas últimas semanas também levou à queda de outros oficiais militares e autoridades do governo.

Afeganistão

Paquistão bombardeia Cabul e mira Talibã

Forças paquistanesas bombardearam alvos militares e áreas próximas à capital afegã, Cabul, na madrugada da sexta-feira, 27. O governo do Paquistão afirma que o Afeganistão abriga militantes do Talibã paquistanês (TTP), grupo responsável por atentados no país. Cabul nega a acusação e afirma que sua soberania foi violada. A escalada é considerada a mais grave desde que o Talibã retomou o poder no Afeganistão em 2021.

Tailândia

Vazamento de petróleo atinge praias de Phuket

Um vazamento de petróleo atingiu praias e ilhas turísticas na província de Phuket, na Tailândia, após o naufrágio do navio “Sealloyd Arc” no dia 7 de fevereiro. A embarcação, com bandeira do Panamá, transportava petróleo bruto e liberou cerca de 1.700 litros após afundar a caminho de Chattogram, em Bangladesh. O resíduo chegou às praias de Ya Nui e Banana Beach, na ilha de Koh Hey.

Desafio cerebral

Exercícios simples, mas feitos com consistência reduzem risco de demência em 25%, aponta estudo

Manter a mente afiada pode ser tão simples quanto completar um jogo de palavras-cruzadas ou disputar uma partida de xadrez. Um estudo recente, publicado na Science Alert, traz uma notícia encorajadora para quem busca envelhecer com saúde: exercícios cerebrais simples podem reduzir o risco de desenvolver demência em até 25%.

A pesquisa acompanhou milhares de idosos e concluiu que aqueles que se envolvem frequentemente em atividades de estímulo intelectual apresentam uma proteção significativa contra o declínio cognitivo. O dado é especialmente relevante em um mundo onde os casos de Alzheimer e outras formas de demência estão em ascensão.

O segredo por trás dessa redução de risco reside no conceito de reserva cog-

nitiva. Ao desafiar o cérebro com novas informações, lógica ou estratégias, o indivíduo fortalece as redes neurais existentes e cria novas conexões.

“O cérebro funciona como um músculo: se você não o usa, ele atrofia. Atividades que exigem foco e raciocínio ajudam o órgão a compensar danos que poderiam levar à demência”, explicam os pesquisadores.

Quais atividades funcionam melhor? O estudo não aponta apenas para jogos complexos. A eficácia foi notada em uma variedade de atividades acessíveis, como jogos de tabuleiro e cartas, que estimulam o raciocínio estratégico e a interação social. Também entram na lista palavras-cruzadas e sudoku (que trabalham a memória semântica e a lógica), a leitura e escrita (mantêm o processamento de linguagem e a criatividade ativos).

Três dicas de ouro para o treino cerebral

1 A regra dos 15 minutos

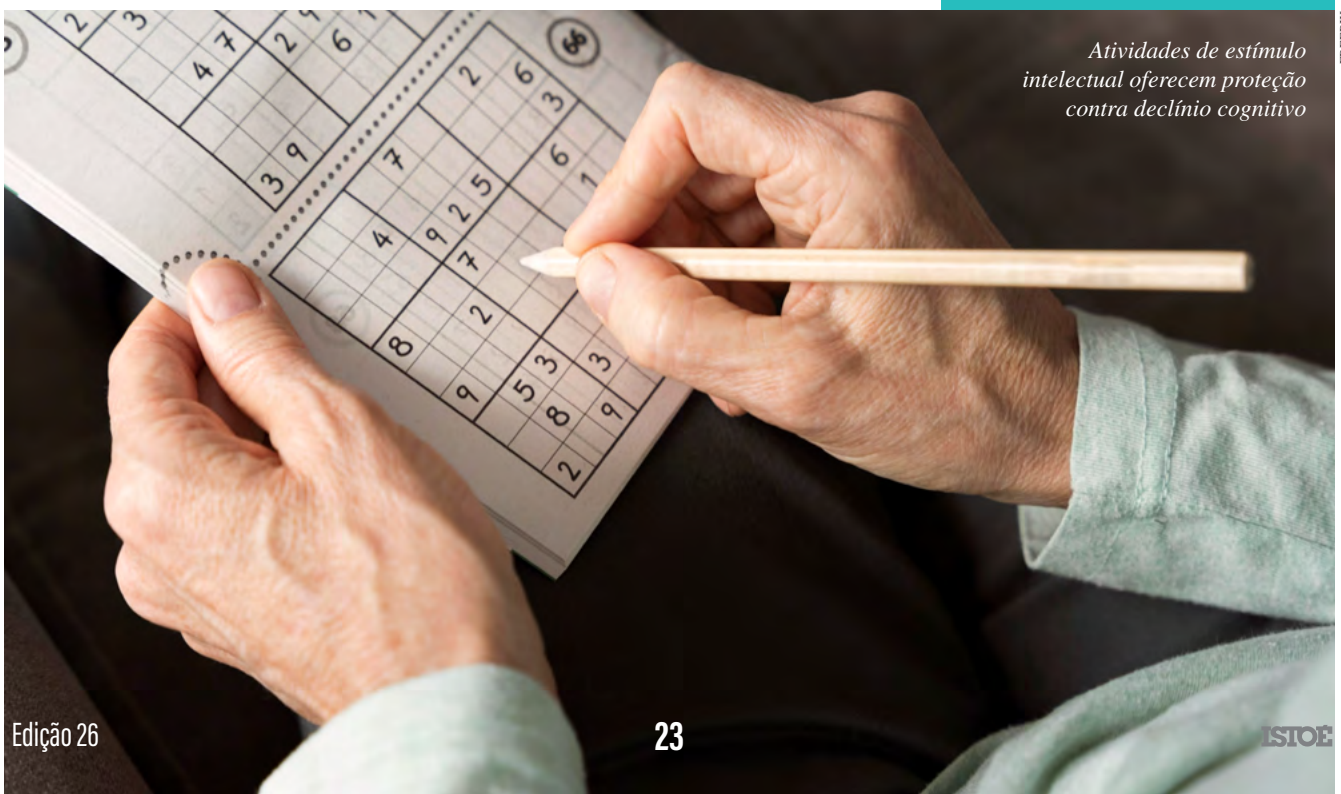
Não adianta treinar 3 horas uma vez por semana. O benefício vem da consistência. Quinze minutos diários são mais eficazes que treinos longos e esporádicos.

2 Fuja da facilidade

Assim que um jogo se tornar fácil demais, mude o nível de dificuldade ou troque de jogo. O cérebro só se desenvolve quando é tirado do “piloto automático”.

3 Combine com treino offline

Use os apps como complemento. Atividades como leitura de livros físicos, interação social presencial e exercícios físicos aeróbicos potencializam os efeitos do treinamento digital.



Atividades de estímulo intelectual oferecem proteção contra declínio cognitivo

FREEMK

Aprender novas habilidades, caso de tocar um instrumento ou estudar um idioma, é considerado “treino de alta intensidade” para os neurônios.

Prevenção ao alcance de todos

O mais importante, segundo os autores, é a consistência. Não é necessário dedicar horas a fio, porém. Pequenos períodos de estímulo diário já são suficientes para colher os benefícios a longo prazo. Além disso, a combinação de estímulo mental com uma dieta equilibrada e exercícios físicos cria uma barreira ainda mais robusta contra doenças neurodegenerativas.

Em um momento em que a medicina ainda busca a cura definitiva para o Alzheimer, a ciência reforça que a prevenção por meio de mudanças no estilo de vida continua sendo a ferramenta mais eficaz para garantir uma mente lúcida e independente na terceira idade. 



Estudar idiomas é um treino de alta intensidade, ainda melhor se for diário

FREEMIK

Benefícios cognitivos à mão

Atividade	Principal benefício	Sugestão de tempo
Palavras-cruzadas	Memória e vocabulário	15 min./dia
Jogos de tabuleiro	Estratégia e socialização	1x por semana
Leitura de livros	Concentração e linguagem	20 min./dia
Sudoku/jogos de lógica	Raciocínio matemático	10 min./dia

Cinco aplicativos validados pela ciência

Na era digital, o smartphone pode ser mais do que uma ferramenta de distração: ele pode se tornar uma academia para o cérebro. Estudos recentes mostram que a neuroplasticidade — a capacidade do cérebro se reorganizar e criar novas conexões — pode ser estimulada por meio de jogos que desafiam a memória, a atenção e a velocidade de processamento. Confira cinco aplicativos, dentre os mais respeitados por neurocientistas, que oferecem planos de treinamento personalizados.



	Lumosity	Peak	Elevate	CogniFit	NeuroNation
	Utilizado por mais de 100 milhões de pessoas, ele foi desenvolvido por uma equipe de cientistas da Universidade de Stanford. O diferencial é que ele transforma tarefas de laboratório em jogos divertidos.	O app foi projetado com a colaboração de pesquisadores da Universidade de Cambridge e da Universidade de Nova York. Ele oferece treinos curtos e intensos, ideais para quem tem pouco tempo.	A solução foca em habilidades cognitivas aplicadas ao dia a dia profissional e educacional. Ele foi eleito o “App do Ano” pela Apple devido à sua interface limpa e eficácia.	É frequentemente utilizado em estudos clínicos para avaliar o declínio cognitivo em idosos. Ele começa com um teste de avaliação para mapear pontos fortes e fracos antes de sugerir os jogos.	Premiado pelo Ministério da Saúde da Alemanha, o aplicativo foca no fortalecimento da reserva cognitiva para combater o envelhecimento precoce do cérebro.
Foco	Memória, atenção, flexibilidade cognitiva e velocidade de processamento.	Linguagem, raciocínio lógico, agilidade mental e controle emocional.	Leitura rápida, escrita, conversão de medidas, compreensão auditiva e oratória.	Percepção espacial, memória de curto prazo, coordenação motora e planejamento.	Concentração, memória de trabalho e inteligência fluida.
Destaque	Ele cria um “Índice de Desempenho” para comparar seus resultados com pessoas da mesma faixa etária.	Conta com o “Coach”, um assistente virtual que monitora o progresso do usuário e sugere desafios para evitar que a pessoa caia na zona de conforto.	Ótimo para manter a mente afiada para o trabalho e tomada de decisão rápida.	Permite monitorar riscos de condições como TDAH e dislexia por meio da análise de padrões de resposta.	Oferece análises detalhadas sobre quais áreas do seu cérebro estão sendo “fortalecidas” em cada sessão.

*Luiz Fernando em cena de
"Baixa Sociedade", comédia em
cartaz no Teatro Renaissance*



Sem arrependimentos

Luiz Fernando Guimarães, protagonista da comédia "Baixa Sociedade", em São Paulo, analisa os projetos que abraçou em seus 50 anos de carreira, todos feitos "com muito brilho e amor mesmo"

Sofia Magalhães

Aos 76 anos, Luiz Fernando Guimarães não se arrepende de nada. Bem-humorado, o astro de "Baixa Sociedade", comédia em cartaz em São Paulo até 29 de março, garante que todas as suas escolhas de vida foram certas, inclusive a decisão de abandonar sua carreira consolidada como bancário para seguir o sonho de ser ator.

"Eu fiz muita coisa, e todas bem-vindas", declarou em entrevista ao videocast "IstoÉ Gente como a Gente", que aborda o lado pessoal e espontâneo de personalidades brasileiras. "Nenhuma, assim... Não tenho nada que me arrependa, absolutamente nada. Fiz todas com muita vontade, com muito brilho e com muito amor mesmo, gostando de fazer", avaliou.

Destemido, Luiz conta que, inicialmente, fez o teste para ingressar no grupo de teatro "Asdrúbal Trouxe o Trombone", o pontapé inicial para sua carreira de ator, em 1974, sem pretensões. À época, aos 25 anos, ficou surpreso quando foi aceito e precisou dividir seu tempo entre o trabalho como bancário durante o dia e os ensaios à noite.

Até que precisou escolher entre as duas carreiras. "Teve uma hora que a gente precisou fazer uma apresentação à meia-noite no Teatro Opinião, no Rio de Janeiro, que era para grandes celebridades. A peça foi considerada um dos cinco melhores espetáculos do ano", lembrou.

A montagem em questão era "O Inspetor Geral", que repercutiu extre-

mamente bem e lhe garantiu uma série de outros compromissos. "Eu falei para o gerente [do banco]: 'Olha, você vai ter de me dar aquela dispensada boa, de três meses'. Mas ele não quis me dar. Então, eu peguei minha trouxa [e me demiti]", contou, divertido.

"Aí, depois, ele falou assim: 'Poxa, podia ter te dispensado, você é tão bom'. Falei: 'Pois é, mas passou a época'", continuou. O artista não se arrepende da decisão. "Quando entrei no grupo, já me vi ali. Gostei do negócio. Pensei: 'Aqui é o meu lugar'".

Apaixonado pela atuação, e principalmente, pela comédia, Luiz Fernando logo estreou um importante quadro para o desenvolvimento do humor brasileiro. Em 1988, o primeiro episódio

da “TV Pirata”, na Globo, foi ao ar com a proposta de inovar as atrações cômicas nacionais. Até então, elas seguiam as fórmulas do rádio: quadros fixos com repetição de piadas.

“O primeiro esquisitão da ‘TV Pirata’, o primeiro impacto, foi não ter a risada do público”, contou o ator, referindo-se a um recurso sonoro que embalava diversos programas de humor, brasileiros e estrangeiros. “E o segundo era que o programa debochava da própria televisão”, emendou. A TV Globo, com seus jornais e telenovelas, era o principal alvo dos textos cômicos.

Com visível carinho e orgulho, o astro reviveu as memórias das gravações. “Era maravilhoso! Eu fazia o ‘Jornal Nacional’. A gente imitava mesmo. E era um prazer satirizar aqueles caras, ídolos, ícones da gente. Foi um prazer ali.”

Segundo Luiz, apesar de gravarem determinados quadros com frequência, ninguém tinha personagem fixo, classificando a rotina como “totalmente livre”, inclusive na construção das esquetes. O elenco contava com os nomes de Ney Latorraca, Pedro Paulo Rangel, Debora Bloch, Claudia Raia, Cristina Pereira e Marco Nanini.

O programa “TV Pirata” foi exibido até 1992, e, apesar do curto período no ar, seu ousado estilo de humor é considerado um precursor de títulos como “Casseta & Planeta Urgente” e “Tá no Ar: a TV na TV”.

Anos depois, o sucesso do ator no programa alavancou a audiência de “Os Normais”, sitcom que quase foi ao ar sem a presença de Fernanda Torres como a personagem Vani. Ao videocast, Luiz revelou que precisou insistir

para que a amiga fosse escolhida como sua parceira romântica na produção. “Eu estava na África com ela, e quando nós voltamos, eu botei fotos nossas da África no estúdio, que seria o estúdio que eles iriam testar o novo layout dos ‘Os Normais’ e tal”, disse.

“Eles [produção da série] falaram: ‘Você botou a Fernanda?’. Falei: ‘É, porque ela é a noiva, ela é a noiva’. E fui no Alexandre Machado (roteirista da série), que tinha outras noivas, e falei: ‘Não, tem de ser ela, tem de ser ela, tem de ser ela, tem de ser ela’. Bati, bati, bati, até que foi a Nanda”.

Mil vidas em 50 anos de carreira

Luiz, que comemorou 50 anos de carreira em 2025, está em cartaz com a peça “Baixa Sociedade”, no Teatro Renaissance, nos Jardins, na capital paulista. Sob o texto de Juca de Oliveira, com montagem e direção de Pedro Neschling, a comédia evidencia até onde uma pessoa iria para conquistar a tão almejada ascensão social – e, claro, com muito humor.

Na peça, o astro dá vida a Otávio, um idoso e pai de família que enxerga na mentira uma oportunidade de mudar de vida. Apesar de engraçado, o personagem pode ser considerado um tanto “crápula”, como o próprio comediante define. Inclusive, ele acredita ter um pouco de semelhança com o papel. “Não sou ambicioso, muito até pelo contrário; poderia ser. Mas eu me enxergo nele como um cara preocupado em dar ao próximo, mesmo que seja para ele, indiretamente. ‘Eu estou cedendo uma coisa para você, mas eu quero para mim, porque eu vou ter 10%, 40%’. É natural”.

E acrescentou, divertindo-se: “Não acho que a pessoa seja totalmente Poliana na vida, né? Ele é um canalha, mas ele é um canalha bom”.

Após viver mil vidas no teatro, televisão e cinema, o ator considerou que teve uma vida artística boa, celebrando sua carreira. “Dei muita sorte porque eu comecei em um grupo que me acolheu”, reforçou. “Nesses 50 anos, eu fui encontrando pessoas muito interessantes, pessoas que eu jamais imaginaria que poderia encontrar, que eram meus grandes ídolos, digamos assim. E fiz de tudo um pouco.” **E**



JOÃO MIGUEL JÚNIOR

Foi pela insistência do ator que “Os Normais” contou com Fernanda Torres como sua parceira na sitcom

Vitória extraordinária

Hugo Calderano e Bruna Takahashi conquistam, em Singapura, título inédito para o tênis de mesa brasileiro, construindo caminho para os Jogos de Los Angeles

Hugo e Bruna venceram a dupla número 1 do ranking atual, os sul-coreanos Shin Yubin e Lim Jonghoon

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Estar na final já era um feito e tanto. Conquistar o título superava qualquer sonho. E foi isso que aconteceu com a dupla Hugo Calderano e Bruna Takahashi ao vencerem, em Singapura, o primeiro Grand Smash do ano. Esse é um dos quatro grandes torneios de tênis de mesa no calendário mundial do esporte. É como se fosse um Grand Slam. Os brasileiros são os primeiros não-asiáticos a chegarem à decisão de uma dessas cobiçadas competições. E eles bateram nada menos que a dupla número 1 no ranking mundial, os sul-coreanos Shin Yubin e Lim Jonghoon.

Com essa conquista, Hugo e Bruna, de 29 e 25 anos, respectivamente, pavimentam um importante caminho para os Jogos Olímpicos de 2028, em Los Angeles (EUA). O título do Grand Smash de Singapura fez com que os brasileiros assumissem a quarta posição no quadro de duplas mistas do mundo. Na competição olímpica de tênis de mesa, só entrarão 16 pares para disputar as medalhas.

A vitória em Singapura foi celebrada com muita emoção pelos dois mesatenistas, que namoram desde 2024. Bruna pulou nos braços de Hugo assim que a última bola do jogo foi lançada para fora da mesa por Lim Jonghoon. O placar elástico demonstra o domínio que os brasileiros tiveram sobre seus adversários: 3 a 0 (11-7, 11-6, 11-13).

Antes dessa final, porém, a dupla do Brasil só tinha resultados negativos no retrospecto:

Hugo e Bruna tinham perdido dois confrontos par os sul-coreanos sem vencer nem ao menos um set. Como se isso fosse pouco, poucas horas antes da decisão, o mesatenista carioca foi derrotado por 3 a 1 pelo chinês Chen Yuanyu nas oitavas de final do torneio individual masculino.

Cabeças de chave número 3, os brasileiros estrearam nas oitavas de final enfrentando e vencendo os egípcios Youssef Abdelaziz e Mariam Alhodaby por 3 a 0. Nas quartas de final, repetiram o placar diante dos indianos Manush Shah e Diya Chitale.

Na semifinal, o embate foi com a dupla Wong Chun Ting e Doo Hoi Kem, de Hong Kong. O duelo foi equilibrado, mas os brasileiros se saíram melhor, vencendo por 3 a 1 e garantindo vaga inédita na decisão. E, enfim, veio a final com os líderes do ranking mundial – e donos do Bronze nos Jogos de Paris.

“Estamos jogando cada vez melhor, a cada torneio. Acho que estamos no caminho certo. Jogamos muito bem aqui, especialmente na final. Eles são uma grande dupla e são o número um do mundo por um motivo. Têm muitos títulos”, declarou Hugo Calderano, ao site do World Table Tennis.

Eliminado nas oitavas de final do Singapore Smash, Hugo caiu da segunda para a quarta colocação no ranking. Ainda assim, ele segue forte na temporada. Nos Jogos de Paris, em 2024, ele ficou em quarto lugar. Em abril de 2025, o brasileiro também fez história ao se tornar campeão da Copa do Mundo. Foi o primeiro mesatenista não asiático e não europeu a obter um título mundial individual.

A paulista Bruna Takahashi (sobrenome do pai), que tem uma irmã mesatenista (Giulia), chegou à 16ª posição no ranking mundial em abril de 2025. É a melhor jogadora de tênis de mesa do Brasil e já esteve em três Olimpíadas (2016, 2020 e 2024). Seus melhores resultados no cenário global é ter disputado as quartas-de-final da Copa do Mundo e as oitavas-de-final do Campeonato Mundial, ambos no ano passado. **E**

Princesa dos patins

A paulista Ana Julia da Silva, a Julika, vence o torneio mais tradicional da modalidade, na Holanda, e consolida o Brasil no topo do street e do park

André Ruoco



FOTOS REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Julika é a primeira brasileira a conquistar o Winterclash

A brasileira Ana Julia da Silva, a Julika, é um dos maiores nomes do patins street no mundo. No domingo, 1º, a atleta, de 16 anos, conquistou na Holanda o título do torneio Winterclash na categoria Profissional Feminina, ampliando sua coleção de resultados que vêm colocando o Brasil em destaque na modalidade.

Realizado anualmente no fim de fevereiro, em Eindhoven, o Winterclash é

reconhecido como a competição mais tradicional e prestigiada do patins street. Vencer a competição representa um marco na carreira de qualquer atleta. No caso de Julika, a conquista tem peso histórico: ela se tornou a primeira brasileira a subir ao lugar mais alto do pódio na disputa.

Apelidada de “Princesa dos Patins”, a jovem natural de Sorocaba (SP) já vinha acumulando títulos expressivos nos últimos anos. Em 2024, venceu a

Fise (Festival International des Sports Extrêmes ou, em português, Festival Internacional de Esportes Extremos) World Series, considerada a Copa do Mundo da modalidade, na França. Na ocasião, também se tornou a primeira mulher a completar a manobra “900” — salto com dois giros e meio no ar —, um feito técnico que reforçou seu protagonismo internacional. Em 2025, sagrou-se campeã mundial na categoria Park, em torneio realizado no Japão.

A vitória no Winterclash evidencia a versatilidade da atleta. Enquanto o Park privilegia rampas e transições, com foco em fluidez e amplitude aérea, o Street utiliza obstáculos urbanos como corrimãos, escadarias e bordas para manobras de deslize, conhecidas como grinds. Ao dominar ambas as categorias, Julika demonstra capacidade técnica e adaptação a diferentes estilos de pista, projetando-se como referência nas duas modalidades.

A trajetória de Ana Julia começou cedo. Aos cinco anos, em Sorocaba, ela iniciou no esporte por meio do projeto social Abelhas Inline, que oferece aulas gratuitas para crianças e adolescentes. O talento precoce rapidamente a levou às competições nacionais e, pouco depois, ao circuito internacional. Hoje, soma títulos nas principais disputas da modalidade e desponta como principal nome do patins brasileiro na atualidade.

Destaque também no Junior

O sucesso do país no Winterclash não se limitou à categoria principal. Na disputa Junior, Joana Tavares Melo, de São José do Rio Preto (SP) e de apenas 12 anos, garantiu a terceira colocação, assegurando mais uma bandeira brasileira no pódio internacional. O resultado reforça a presença de uma nova geração competitiva e indica continuidade no crescimento do esporte por aqui.

As conquistas de Julika e Joana comprovam a evolução dos patins no Brasil, que busca reconhecimento e apoio institucional semelhantes aos do skate após sua inclusão nos Jogos Olímpicos. Com títulos em torneios de maior prestígio e presença constante no pódio, as atletas colocam o país no mapa das potências globais da modalidade e ampliam a visibilidade desse esporte que ganha cada vez mais adeptos. **E**

Bumbo de bateria
de **Ringo Starr** usado
na estreia dos Beatles
no programa
“The Ed Sullivan
Show” (estimativa:
US\$ 1 mi –
US\$ 2 mi)



Beatles? Nirvana? Pink Floyd? Qual o seu lance?

Christie's leva à leilão em Nova York coleção composta por instrumentos e objetos de lendas das artes, da música à literatura

Que tal uma bateria dos Beatles que foi usada na apresentação do programa “The Ed Sullivan Show”, uma clássica atração da TV nos Estados Unidos na década de 1960? Ou uma guitarra de Kurt Cobain, o inesquecível vocalista do Nirvana, usada no clipe de “Smells Like Teen Spirit”, em 1991? Essas peças fazem parte de uma excepcional coleção de objetos que pertenceram a ícones das artes e dos esportes colocada em leilão pela casa Christie's, em Nova York.

Parte desse acervo já está recebendo lances desde a terça-feira, 3, mas todo o processo seguirá em curso até o dia 17, em quatro lotes de vendas. Um leilão

ao vivo será exibido na quinta-feira, 12, pelo YouTube, no canal da Christie's, às 19h (no horário de Brasília) com as peças mais valiosas, agrupadas no lote “Hall of Fame”. São cerca de 400 itens que compõem a Jim Irsay Collection, que estará em exibição em Nova York, no Rockefeller Plaza, entre a sexta-feira, 6, e o dia 12. Contemplar a coleção de perto vale a pena.

Mas, antes de mergulhar nesse universo pop, é preciso explicar quem é Jim Irsay. Empresário bilionário de Chicago, ele herdou do pai, em 1997, o time de futebol americano Indianapolis Colts, da NFL (que foi campeão do Super Bowl em 2007). A equipe era

propriedade da família desde 1972. Irsay também tinha pendores artísticos e gostava de tocar guitarra. Chegou a tocar com bandas. Depois, tornou-se famoso colecionador. Reuniu tanta memorabilia de artistas que esse acervo passou a rodar pelo país em exposições públicas. Morreu em maio do ano passado, em um hotel em Beverly Hills, aos 65 anos. Tinha um histórico de dependência química e faleceu de uma parada cardíaca.

A primeira grande aquisição de Irsay foi em 2001, quando ele comprou por US\$ 2,4 milhões o manuscrito original em rolo de papel de Jack Kerouac para o livro “On the Road: Pé na Es-

Fender Mustang 1966
de **Kurt Cobain**,
exibida no clipe de
"Smells Like Teen
Spirit" (estimativa:
US\$ 2,5 mi – US\$ 5 mi)

Violão Gibson J-45 de
Janis Joplin, no qual
tocou pela primeira vez
"Me and Bobby McGee"
(estimativa: US\$ 60 mil
– US\$ 100 mil)

Manuscrito em rolo datilografado de
"On the Road", de **Jack Kerouac**
(estimativa: US\$ 2,5 mi – US\$ 4 mi)

Guitarra "Tiger" de Jerry
Garcia, do Grateful Dead. Usada
na última apresentação com o
grupo, em 1995 (estimativa:
US\$ 1 mi – US\$ 2 mi)

Confira algumas peças do lote "Hall of Fame"

O leilão ao vivo apresentará cerca de 50 peças, incluindo os tesouros mais raros e cobiçados da The Jim Irsay Collection.

- **"Black Strat" de David Gilmour**, do Pink Floyd, usada na gravação dos álbuns "The Dark Side of the Moon" (1973), "Wish You Were Here" (1975), "Animals" (1977) e "The Wall" (1979). A guitarra foi usada no lendário solo de "Comfortably Numb" (estimativa: US\$ 2 milhões – US\$ 4 milhões)
- Primeiro **kit de bateria Ludwig** de **Ringo Starr**, utilizado em centenas de apresentações ao vivo e gravações em estúdio entre maio de 1963 e fevereiro de 1964 (estimativa: US\$ 1 milhão – US\$ 2 milhões)
- **Guitarra Gretsch Chet Atkins 6120** de **John Lennon** (1963), usada nas gravações de "Paperback Writer" e "Rain" (estimativa: US\$ 600 mil – US\$ 800 mil)
- **Letra manuscrita de "Hey Jude"** por **Paul McCartney** (estimativa: US\$ 600 mil – US\$ 1 milhão)
- **Documento judicial de 1970** assinado por **Paul McCartney** para dissolver os Beatles, com anotações de John Lennon (estimativa: US\$ 100 mil – US\$ 150 mil)
- **Letra manuscrita de "The Times They Are A-Changin'"** por **Bob Dylan** (estimativa: US\$ 500 mil – US\$ 800 mil).
- **Guitarra Yellow Cloud** personalizada de **Prince**, desenhada por Andy Beech (estimativa: US\$ 100 mil – US\$ 150 mil)
- **Trompete Martin Committee** de **Miles Davis**, usado no Festival de Jazz de Montreux de 1984 (estimativa: US\$ 100 mil – US\$ 150 mil)
- **Bola de vôlei "Wilson"** utilizada no filme "Náufrago" (2000), estrelado por **Tom Hanks** (estimativa: US\$ 60 mil – US\$ 80 mil)

trada", publicado em 1957. Admirador da obra, romance definitivo da geração beat, Irsay desejou preservar o manuscrito e fazer exposições. E cumpriu esse plano, assim como também passou a exibir a coleção de guitarras que construiu depois. Nesse quesito, Irsay não mediu esforços para montar um acervo cujo valor passa dos bilhões de dólares. A revista Guitar World a chamou de "a maior coleção de guitarras da Terra". Tanto que praticamente metade da coleção do leilão é composta por esses instrumentos. "Jim Irsay foi um colecionador extraordinário, com olhar atento para raridades ligadas aos momentos mais importantes da nossa história coletiva", declarou Julien Pradels, presidente da Christie's Americas.

Entre as peças estão guitarras de músicos que definiram o século 20, incluindo David Gilmour, do Pink Floyd, e Jerry Garcia, do Grateful Dead, assim como artistas do quilate de Eric Clapton, John Coltrane e Johnny Cash. E há também os instrumentos tocados por John Lennon, Paul McCartney e George Harrison. A Christie's estima que a ba-

teria dos "Fab Four" exibida na estreia da banda no show de Ed Sullivan, em 9 de fevereiro de 1964 – que teve uma audiência de 73 milhões de pessoas e marcou a "invasão britânica" nos Estados Unidos – alcance cerca de US\$ 2 milhões. Detalhe: no bumbo é possível ver marcas de lápis na letra "t" do logo.

Algumas guitarras devem ficar entre US\$ 1 milhão e US\$ 2 milhões. Já a estrela do leilão que será exibido no YouTube deverá ser mesmo a Fender Mustang azul de Kurt Cobain, a que aparece em "Smells Like Teen Spirit" e que foi usada nas gravações dos álbuns "In Utero" e "Nevermind". O valor estimado da guitarra está entre US\$ 2,5 milhões e US\$ 5 milhões. É a peça mais cara da coleção.

A Fender Mustang azul traz arranhões em sua lateral. Como observa a Christie's, esse era o modelo preferido de Cobain e a guitarra em questão era uma de suas favoritas à época. Seria normal, portanto, que sofresse desgastes. Essas marcas de uso pessoal, de artista trabalhando, dão uma característica ainda mais especial à peça. **E**



Com quatro cores e em dois tamanhos, a linha está à venda nas lojas físicas e no e-commerce da marca e na Petlove

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Bom pra cachorro

Stanley entra no mercado pet com tigelas a partir de R\$ 319; feitos de aço e com garantia vitalícia, os produtos têm a melhor pré-venda da marca no Brasil

Matheus Almeida

Se grifes de luxo, como Louis Vuitton, já aderiram ao mercado pet, por que não uma marca icônica e desejada como Stanley 1913? A fabricante de recipientes térmicos disponibilizou seus primeiros produtos para animais de estimação no Brasil e, em apenas três dias, alcançou sua melhor pré-venda, revelou. Em comparação ao recorde anterior, foram 186% mais unidades vendidas. A empresa não informa o número exato comercializado.

Batizados como Pet Bowls, os recipientes chegam ao país em dois tamanhos, para animais de diferentes portes: 710 ml (R\$ 319) e 1,4 L (R\$ 359).

As cores disponíveis são Black 2.0 (preto), Cream (branco), Rose Quartz (rosa) e Blue Sky (azul).

A pré-venda seguiu até a segunda-feira, 2, quando ocorreu o lançamento oficial. Antes, apenas consumidores cadastrados no hub de relacionamento da marca, Legionários, podiam adquirir o produto. As tigelas agora estão disponíveis nas lojas físicas, no site da Stanley 1913 e na rede Petlove.

De acordo com a marca, o produto desembarcou no Brasil para atender pedidos feitos pelos clientes. Nos Estados Unidos, a primeira coleção para bichos de estimação foi lançada em setembro

de 2024, em uma parceria com a rede Target. “O Pet Bowl expande a nossa liderança em hidratação para uma nova categoria”, afirma a diretora executiva de marketing da empresa na América Latina, Patrícia Esteves. “Mais do que um acessório, ele reforça nosso compromisso com produtos que unem funcionalidade, cuidado e estilo de vida”, completa.

Feitas de aço inoxidável 18/8 (18% de cromo e 8% de níquel) com parede dupla, as tigelas têm formato levemente afunilado para ajudar a evitar respingos. O material garante a manutenção da água gelada e dos alimentos frescos por períodos mais longos do que os potes convencionais. No mercado, o produto mais básico é o feito de plástico que, a depender da exposição, esquenta a água. Sobre tudo nos dias de verão.

A empresa aponta, em seu blog, que a ideia de uma tigela “gelada” para pets feita com aço inox é ajudar a evitar que a água esquente rapidamente. Esse tipo de pote, além de preservar por mais tempo a temperatura da água – fundamental para que o animal se hidrate – permite preservar a qualidade do alimento, contribuindo para a saúde e o bem-estar do pet. Afinal, as tigelas de plástico, com o tempo, adquirem fissuras, onde se alojam restos de comida e microorganismos. Com o aço inoxidável, o pote, que é de fácil limpeza, fica menos sujeito a alterações na estrutura. Assim, não retém bactérias e nem odores.

As tigelas contam com uma tampa de silicone com pressão, que contribui com o isolamento térmico e protege contra impurezas. O produto tem base antiderrapante, facilitando o consumo do alimento ou da água. Os potes são empilháveis e podem ser higienizados na máquina lava-louças. Contam ainda com garantia vitalícia.

Para promover o produto, a Stanley participou de dois eventos do aplicativo de adoção Hyppet, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Passou também a dar apoio institucional à ONG Ampara Animal. E convocou o vira-lata Amendoim, protagonista do filme “Caramelo”, da Netflix, e outros cachorros famosos da Estrelas Animais, do treinador Luís Estrelas, para ser “cão-propaganda”. Amendoim é um pet influencer com mais de 320 mil seguidores no Instagram. **E**

Além do paladar

Nova fase do sorvete brasileiro tem ingredientes tropicais, apelo saudável e texturas, oferecendo mais elementos sensoriais

Beatriz Mizuno

Das gelaterias premium às sorveterias de bairro, o mercado dessas delícias geladas será impactado por novos sabores, exploração de sentidos para além do paladar e muita tecnologia em 2026. A afirmação é da Associação Brasileira do Sorvete e Outros Gelados Comestíveis (Abrisorvete), que enviou uma comitiva para a Sigep, feira internacional dedicada aos segmentos de sorvete artesanal, confeitaria, padaria e café, realizada em Rimini, na Itália. É a maior vitrine mundial do setor. Com base nas tendências e discussões do evento, a entidade garante que, neste ano, ingredientes brasileiros devem se destacar.

“Frutas tropicais como manga, coco e até açaí ganham protagonismo quando combinadas a elementos crocantes ou contrastes sensoriais, como o picante”, afirma Martin Eckhardt, presidente da Abrisorvete.

Segundo o especialista, a tendência global das texturas, influenciada princi-

palmente pelo fenômeno do sabor “Dubai” — usualmente constituído por chocolate, pistache e elementos crocantes — abre espaço para ingredientes que já fazem parte da gastronomia brasileira, como castanha de caju e amendoim.

“A manga com pimenta é um ótimo exemplo dessa tropicalização das tendências globais, adaptadas ao paladar brasileiro e com forte apelo de experiência”, completa.

A Gelateria São Paulo oferece essa opção para os interessados em provar a combinação. A pimenta dedo-de-moça vem da horta da sorveteria. Já a Freddo Brasil tem, na linha boutique, o “Chocolate Dubai”, um gelato de chocolate intenso, calda de pistache, kadayif (massa fina e delicada, feita de água e farinha de trigo, que confere uma textura crocante) e pistaches torrados.

De acordo com Eckhardt, o movimento que envolve as novas “modas” do setor costuma nascer em estabelecimentos especializados antes de ganhar esca-

la. “A tendência começa, naturalmente, nas gelaterias e marcas premium, que funcionam como laboratórios de inovação. No entanto, o próprio histórico do setor mostra que essas apostas rapidamente se popularizam”, conta.

A febre do pistache é um bom exemplo: o que começou como um sabor sofisticado, hoje está presente em produtos de grande escala. “Com a democratização das tecnologias e o interesse do consumidor por novas experiências, essas combinações devem chegar ao varejo e às marcas de maior produção nos próximos anos”, completa.

A inovação também se reflete na formulação dos produtos. O avanço tecnológico permitiu reduzir o sabor residual dos adoçantes, o que antes era um dos principais entraves das versões com menos açúcar. “A indústria conseguiu refinar formulações que entregam dulçor, textura e cremosidade muito próximas às versões tradicionais, eliminando o ‘gosto residual’ que antes afastava o consumidor. Isso explica o crescimento expressivo da linha saudável, com produtos zero açúcar, sem lactose e funcionais ganhando cada vez mais espaço”, explica.

A Abrisorvete está otimista quanto a este ano. Após fechar 2025 com alta de 6,8%, a projeção é elevar o faturamento de 2026 em 16,3%. Com um consumo médio de 7,7 litros por pessoa ao ano, o sorvete é um prazer democrático: 56% de seus apreciadores têm renda de até dois salários mínimos. **E**



Manga com pimenta, como este sorvete da Gelateria São Paulo, é exemplo de tropicalização

FOTOS: REPRODUÇÃO/FACEBOOK



Texturas estão em alta; o sorvete “Chocolate Dubai”, da Freddo Brasil, tem pistaches torrados

Um Oscar de roteiro

Aquisição da Warner Bros. Discovery pela Paramount Skydance caminha para se concretizar; companhia recebeu proposta de US\$110 bi e Netflix desistiu do negócio

A disputa pela Warner Bros. Discovery (WBD), um dos maiores conglomerados da indústria do entretenimento, ganhou contornos de roteiro hollywoodiano. Depois de meses em que parecia destinada a ser comprada pela Netflix, a corporação agora caminha para ser adquirida pela Paramount Skydance, em um acordo de US\$ 110 bilhões, apresentado ao mundo na sexta-feira, 27, que pode redefinir a relação entre o mercado de cinema e o de streaming.

Caso seja concluída e aprovada pelas autoridades regulatórias nos Estados Unidos, a fusão colocará, sob o mesmo guarda-chuva, alguns dos estúdios e franquias mais poderosos da indústria. A companhia que nascerá dessa combinação reunirá propriedades intelectuais que marcaram gerações de espectadores,

como o o universo DC, a franquia Harry Potter, a série “Game of Thrones” e seus “apêndices”, “O Senhor dos Anéis”, “Missão: Impossível”, “Top Gun” e “Bob Esponja”, as três últimas da Paramount.

O capítulo mais recente dessa dramática história foi estabelecido na terça-feira, 3, quando o presidente da Federal Communications Commission (FCC), órgão regulador do setor de comunicações, Brendan Carr, afirmou para a CNBC que a fusão entre Paramount e WBD deverá receber aprovação regulatória rapidamente. Ele participou do Mobile World Congress, evento que aconteceu nesta semana em Barcelona, e conversou com a imprensa sobre o tema. Carr disse que a proposta atual é “mais limpa” do que a tentativa anterior da Netflix de comprar os ativos da companhia. “Havia muitas preocupações quando a Netflix era a potencial compradora”, declarou o executivo, que assumiu o posto em janeiro de 2025, indicado pelo presidente Donald Trump.

A avaliação de Carr dá o tom da mudança de rumo na negociação que vem mobilizando o mercado de entretenimento. Até poucos meses atrás, a venda da WBD parecia praticamente resolvida em favor da gigante do streaming. Em dezembro do ano passado, a Netflix fechou um acordo preliminar para adquirir os principais ativos da Warner — especialmente os negócios de estúdio e streaming — por US\$ 27,75 por ação, operação avaliada em cerca de US\$ 82,7 bilhões. O plano excluía as redes de TV a cabo da companhia, como CNN, TNT e TBS.

O negócio, porém, começou a enfrentar resistência política e regulatória nos Estados Unidos. Parlamentares e representantes da indústria levantaram dúvidas sobre o impacto concorrencial

de uma eventual união entre dois dos serviços de streaming mais relevantes do mercado, Netflix e HBO Max. Em dezembro, Trump afirmou que o acordo poderia representar um problema concorrencial, embora posteriormente tenha dito que a análise caberia exclusivamente ao Departamento de Justiça.

Enquanto a Netflix lidava com esse ambiente regulatório complexo, a Paramount Skydance avançava com uma estratégia mais agressiva. Liderada por David Ellison, filho do bilionário Larry Ellison, a empresa iniciou uma campanha para convencer o conselho da Warner a reabrir as negociações e considerar uma proposta alternativa.

A ofensiva incluiu sucessivos aumentos de oferta até chegar a US\$ 31 por ação, avaliando a Warner Bros. Discovery em cerca de US\$ 110 bilhões. A proposta agradou o conselho da companhia. Embora tivesse prazo de quatro dias úteis para cobrir o lance, a Netflix desistiu da disputa.

Co-CEO da companhia de streaming, Ted Sarandos afirmou para a Bloomberg News que já trabalhava com diferentes cenários para o desfecho da negociação. Ele explicou que a Netflix havia estabelecido um limite financeiro para o negócio e optou por não ultrapassá-lo e, desse modo, não cobriu a



JUSTIN SULLIVAN/AFP

MARIO TAMARA/AFP



oferta da Paramount. “Já tínhamos feito todo o planejamento de cenários. Sabíamos o que queríamos fazer”, disse. A empresa chegou a alterar a estrutura da proposta inicial, oferecendo pagamento integral em dinheiro para tentar acelerar a conclusão do acordo, mas decidiu não ir além.

Sarandos criticou a estratégia financeira da concorrente. Em sua análise, a aquisição conduzida pela Paramount poderá resultar em cortes relevantes na produção audiovisual. “Isso significa menos produção, menos gente trabalhando”, avaliou, comentando que haverá necessidade de redução de custos após a transação.

A Paramount, por sua vez, sustenta a narrativa oposta. Durante teleconferência com analistas na segunda-feira, 2, Ellison destacou que a nova companhia pretende ampliar a produção de conteúdo e manter um forte compromisso com as salas de cinema. O plano prevê pelo menos 30 filmes por ano (15 de cada estúdio) para exibição nas telonas com janela mínima de 45 dias antes da chegada às plataformas digitais.

“Grandes franquias e propriedades intelectuais são lançadas nos cinemas, ponto”, afirmou. Ele mencionou o desempenho de “Top Gun: Maverick”, que arrecadou cerca de US\$ 1,5 bilhão nas bilheterias globais.

A futura companhia, que provavelmente será liderada por Ellison, também planeja integrar seus serviços de streaming. Paramount+ e HBO Max deverão ser combinados em uma única plataforma. Juntas, elas reúnem mais de 200 milhões de assinantes em mais de 100 regiões do mundo. Ellison assegurou que a marca HBO será preservada.

No campo financeiro, a transação é uma das mais complexas da história recente da indústria. O acordo prevê pagamento de US\$ 31 por ação em dinheiro aos acionistas da Warner Bros. Discovery, avaliando a empresa em US\$ 81 bilhões em valor de mercado e cerca de US\$ 110 bilhões em valor total de empresa. A operação será financiada por US\$ 47 bilhões em capital próprio — apoiados pela família Ellison e pela RedBird Capital Partners — além de US\$ 54 bilhões em dívida fornecida por instituições como Bank of America, Citigroup e Apollo.



Ellison promete 30 filmes para cinema por ano; ele unificará Paramount+ e HBO Max, com a marca HBO preservada

ANNA MONEYMAKER/APP

Parte relevante da estrutura financeira também envolve capital internacional. Fundos soberanos do Golfo, especialmente da Arábia Saudita, de Abu Dhabi e do Qatar, participam do financiamento com cerca de US\$ 24 bilhões. Para reduzir riscos regulatórios nos Estados Unidos, esses investidores concordaram em não ter assentos no conselho nem participação direta na gestão da companhia combinada. Ainda assim, parlamentares americanos alertaram para o risco de influência estrangeira sobre um conglomerado que reúne ativos de mídia relevantes, como HBO, CNN e diversos canais de televisão.

Esses aportes podem levar a uma análise do Comitê de Investimentos Estrangeiros dos Estados Unidos (CFIUS), órgão responsável por avaliar riscos de segurança nacional em operações envolvendo capital estrangeiro. Analistas consideram, porém, que a ausência de poder de governança por parte desses investidores reduz significativamente a probabilidade de bloqueio da operação.

A Paramount já pagou US\$ 2,8 bilhões referentes à multa de rescisão do acordo entre a Warner e a Netflix e se comprometeu a pagar até US\$ 7 bilhões caso a fusão não obtenha aprovação regulatória.

O contexto político também chama atenção. Larry Ellison, fundador da Oracle e pai de David Ellison, é um conhecido doador republicano e mantém proximidade com círculos políticos li-

gados a Trump. Embora não ocupe cargo formal no governo, sua influência e relações em Washington são conhecidas e isso é um fator com potencial de facilitar o diálogo regulatório.

Vale lembrar que havia uma participação inicial de um fundo, o Affinity Partners, na estrutura de financiamento. Ela podia jogar suspeitas sobre o negócio. O Affinity Partners é comandado por Jared Kushner, genro de Trump. O fundo é financiado em grande parte por capital proveniente do Oriente Médio. Parte dessa participação acabou sendo reorganizada ao longo das negociações para reduzir eventuais obstáculos regulatórios e Kushner saiu de cena.

A expectativa de fechamento do negócio é no terceiro trimestre. A operação criará um dos maiores conglomerados de entretenimento do planeta. Nem todos estão convencidos de que o acordo passará sem obstáculos. A senadora democrata Elizabeth Warren afirmou que a fusão pode representar “um desastre antitruste”, ao potencialmente reduzir opções para consumidores e elevar preços.

Para Hollywood, a negociação marca uma fase de profunda reorganização do setor audiovisual. Em um momento de pressão sobre o modelo das plataformas de streaming, em busca de novas receitas, e de consolidação dos maiores grupos de mídia, a briga pela Warner Bros. Discovery mostrou que, na indústria do entretenimento, grandes histórias continuam acontecendo fora das telas. **E**



A pressa para garantir um lugar em shows muito disputados é o gatilho mais explorado pelos golpistas

Do sonho ao pesadelo

Levantamento identificou, apenas nos últimos três meses, 778 domínios criados para falsificar plataformas de venda de ingressos

O mercado de entretenimento ao vivo no Brasil consolidou-se como um dos pilares mais resilientes da economia nacional. Estima-se que o setor movimente anualmente entre R\$ 130 bilhões e R\$ 150 bilhões. Essa efervescência cultural trouxe a reboque uma sofisticada indústria do crime cibernético que atinge níveis alarmantes de profissionalismo, especialmente quando o assunto é venda de ingressos pela internet.

Um levantamento da Redbelt Security, consultoria brasileira especializada em cibersegurança, revela o tamanho dessa ameaça. Em apenas três meses, entre novembro de 2025 e fevereiro de 2026, foram identificados 778 domínios falsos criados exclusivamente para simular plataformas legítimas de venda de ingressos.

O dado acende um alerta para o consumidor, especialmente quando se constata que 214 desses sites já estavam operacionais no momento da análise, prontos para capturar dados fi-

nanceiros de usuários atraídos pela febre de shows e festivais. A pressa para garantir um lugar em eventos com alta demanda e que podem ter rapidamente ingressos esgotados — os chamados “sold out” — é o gatilho mais explorado pelos golpistas. Eles utilizam ofertas improváveis como iscas irresistíveis.

A estratégia dos criminosos evoluiu de simples páginas amadoras para réplicas quase perfeitas da identidade visual de gigantes do segmento. De acordo com Marcos Sena, gerente de SOC (Security Operations Center) da Redbelt Security, a sofisticação atual permite que os sites fraudulentos reproduzam detalhes minuciosos, como o fluxo exato de compra.

“O que chama atenção nesse levantamento é o nível de sofisticação visual dessas páginas. Em alguns casos, o site falso reproduz até o número de seção, fila e assento do suposto ingresso, o que aumenta consideravelmente a credibilidade do golpe aos olhos de quem está comprando”, afirma Sena.

Segundo o executivo, esse cuidado com a minúcia dos detalhes é uma característica dos grupos que operam de forma mais estruturada, com divisão de tarefas e reaproveitamento de infraestrutura. Como essas páginas são frequentemente derrubadas por denúncias ou ações de autoridades, os golpistas mantêm um estoque de domínios “dormentes” que podem ser ativados em minutos, garantindo que sempre haja um link falso circulando em anúncios pagos de redes sociais ou grupos de mensagens.

Com isso, a pessoa que ansiava por um show, eventualmente uma oportunidade única, tem como resultado a frustração de ver seu empenho transformado em prejuízo, às vezes emocional, mas certamente econômico. O fato, porém, é que o dano pode ser maior e gerar ainda mais dor de cabeça. Dados do Banco Central e de órgãos de proteção ao crédito reiteram que o vazamento de informações pessoais e financeiras em transações fraudulentas alimenta um ecossistema de crimes



JORGE SILVA/REUTERS

No afã de ver um artista em alta, como Bad Bunny, a pessoa pode apelar a sites com ingressos que já estavam esgotados: desconfie

Julgamento nos EUA pode desmembrar Ticketmaster e Live Nation

Gigante da indústria da música, a Live Nation enfrenta em um tribunal de Nova York (EUA) um processo que pode obrigá-la a se desfazer da Ticketmaster, empresa de venda de ingressos que controla. Nesta semana, iniciou-se o processo aberto pelo Departamento de Justiça (DoJ) e por dezenas de procuradores estaduais em 2024, que a acusa de monopólio e de violação a leis antitruste federais e estaduais.

Segundo o órgão, a companhia utilizou seu poder para sufocar a concorrência e elevar os preços dos ingressos. A ação sustenta que, por meio da Ticketmaster, ela controla cerca de 80% da venda de ingressos das principais arenas e anfiteatros.

A Live Nation nega que constitua monopólio. No ano passado, a empresa realizou 55 mil eventos e vendeu 646 milhões de ingressos em todo o mundo. A companhia é proprietária ou controla 460 casas de show e gerencia mais de 300 artistas.

O julgamento deve durar em torno de seis semanas.

subsequentes, como a abertura de contas laranjas e empréstimos indevidos.

Para o CEO da Redbelt Security, Eduardo Lopes, o cenário reforça a necessidade de educação digital. “Mesmo com toda a sofisticação tecnológica dos golpes, o comportamento do consumidor ainda é o fator decisivo. Pequenas verificações antes de concluir uma compra podem evitar prejuízos que muitas vezes não têm volta”, diz.

Como não cair em golpes

É importante verificar o domínio com atenção para não se tornar vítima de fraudes, ensinam especialistas em segurança digital. Como os golpistas não podem usar o endereço original, eles criam variações parecidas, com letras a mais ou trocadas ou com pontos fora do lugar. É preciso ler o endereço completo na barra do navegador antes de qualquer ação.

Outra medida é desconfiar de links recebidos por mensagens ou redes sociais. A recomendação é buscar o site diretamente pelo navegador ou acessar a plataforma pelo aplicativo oficial.

Observar a qualidade visual da página é mais uma dica. Imagens pixeladas, logos desalinhados, textos com erros gramaticais e diagramação inconsistente são sinais frequentes em páginas fraudulentas.

Mais uma orientação dos especialistas é checar se o site usa HTTPS. O cadeado na barra de endereços indica que a conexão é criptografada. Mas atenção: criminosos também usam HTTPS para parecer legítimos. O protocolo é necessário, mas não é suficiente para garantir autenticidade.

Verificar a idade do domínio também ajuda. Ferramentas como Whois, disponíveis em plataformas como Registro.br, mostram quando o domínio foi criado. Sites muito recentes merecem atenção redobrada.

Na hora de comprar o ingresso, prefira pagar com cartão virtual gerado pelo aplicativo do banco. Uma boa prática é criar um cartão diferente para cada serviço recorrente: um para o aplicativo de mobilidade, outro para o marketplace mais acessado e assim por diante. Se algum dado vazar, é possível identificar qual empresa foi a origem do problema. Para compras pontuais, como ingressos, é indicado gerar um cartão para uso único. Ele expira após a transação e elimina o risco de cobranças futuras não autorizadas.

Também é fundamental desconfiar de preços muito abaixo do mercado ou de ingressos disponíveis para eventos esgotados. Ofertas improváveis são, na maioria das vezes, iscas.

Se a pessoa receber informações por e-mail ou mensagem, é essencial entrar em contato com a plataforma original pelos canais oficiais antes de tomar qualquer decisão. Caso a fraude seja concretizada, a resposta deve ser imediata. O contato com a instituição bancária para o bloqueio do cartão e a tentativa de reaver valores via Mecanismo Especial de Devolução (MED) do Pix são passos vitais.

Contudo, a prevenção baseada na educação digital e na desconfiança de links recebidos por canais não oficiais permanece como a ferramenta mais eficaz para garantir que o desejo de assistir a um artista dos sonhos não se transforme em pesadelo financeiro de longo prazo. **E**

Reinvenção exposta

Exposição “Impermanência”, parte da DW — Semana de Design de São Paulo, apresenta trabalhos de 63 criativos para discutir o que é exatamente novo

Um coletivo formado por designers e criativos brasileiros que gostaria de discutir transformação deu origem a uma exposição chamada “Impermanência” que se integrou à DW — Semana de Design de São Paulo. O projeto, que nasceu no ano passado, chega a sua segunda edição, mais uma vez

como parte do evento, porém encorpada: de 36 participantes passa a 63 participantes. E está de portas abertas, com acesso gratuito, até o dia 15 de março, em Pinheiros, na capital paulista.

Organizada de maneira independente, a exposição reafirma seu caráter provocativo na Semana de Design

DIVULGAÇÃO

Luminária Boitempo, de Januário Bezerra e Malu Cordeiro (Borocoxô)

de São Paulo. O tema desta edição é “Nada novo debaixo do sol: sempre a mesma coisa, só que agora diferente”. Entre os designers convidados, há também artistas e fotógrafos que propõem uma reflexão sobre reinvenção, processo e autoria.

“O segundo capítulo nasce da ideia de que nada é exatamente novo, estamos sempre reinventando a roda. Redesenhamos uma cadeira, mas a função dela continua a mesma. Mudam as ferramentas, entra inteligência artificial, entram novas tecnologias. O que realmente transforma o objeto é a vivência de quem o cria, sua origem, sua experiência”, explica Paulo Goldstein, designer autoral de objetos e iluminação que trabalha, em especial, com aço inox e latão, e é um dos realizadores da exposição. “‘Impermanência’ é um livro aberto. Cada edição é um capítulo dessa história sobre o processo criativo”, completa.

O tema deste ano foi discutido pelo grupo que idealizou a exposição, composto também por Francio de Holanda (fotógrafo e pesquisador visual com carreira iniciada em 1995), Antonia Almeida e Fabio Esteves (do 80e8, estúdio de design e arquitetura), Marcelo Stefanovicz (artista e designer com presença em instituições como Museu Oscar Niemeyer e Farol Santander), Pedro Leal (que atua no desenvolvimento de mobiliário em madeira maciça) e Miranda Seliana (artista plástica e designer, com atuação entre arte autoral e design de superfície). Depois, foi desenvolvido a partir de encontros com artistas.

Como ressaltam os realizadores, a proposta de “Impermanência” não está vinculada a demandas comerciais, mas sim ao desejo de investigar



Atos, móvel de Gustavo Bittencourt, que pode ser aparador, estante, buffet ou bar



Peças de Carol Gay, cujas criações incluem mobiliário, luminárias e arte em vidro

FRANCISCO DE HOLANDA



Luminária Baila, do ateliê É Pedra, de Vitor Curti; a cúpula é impressa em 3D e moldada à mão

VITOR CURTI

a origem da criatividade: de onde vem e como surge o fazer artístico. É comum, por sinal, que o processo criativo muitas vezes acabe sobreposto pela lógica de mercado. Ante a provocação dos organizadores, eles apontam que o resultado é uma exposição de peças autorais, que “abre espaço ao talvez e valoriza o experimento”.

Entre os nomes selecionados desta edição estão Ana Neute, Bete Said, Bianca Barbato, Borocoxô, Carol Gay, Dan Azvdo, Davi Tessler, De Carvalho, Dua.dag, Estúdio Fabiano Selbego, Estúdio Ramiro, Gabriel Dornellas, Geovani Baroni, Giovana Arruda, Giácomo Tomazzi, Januário Bezerra, La Poltrona, Léo Sokolovikz, Lima design, Manu Almeida, Matheus Solka, OIAMO, Papelaria, Rebecca Baby, Ricardo Gaspar, Rodrigo Edelstein, Studio Gira, Studio Rãs, T44 Studio e Vasa, entre outros.

“Tivemos 36 artistas na primeira edição e agora somos 63. Cada um apresenta uma obra, muitos com trabalhos inéditos e lançamentos pensados para a exposição. É um espaço independente e de experimentação”, reforça Holanda.

A exposição, que se iniciou na quinta-feira, 5, acontece em um prédio de Pinheiros (rua Cônego Eugênio Leite, 1145) entre 10h e 18h – há visitas guiadas entre 11h e meio-dia na quinta e no sábado (confira mais detalhes no perfil no Instagram: @impermanência_dw).

À noite, o espaço cumpre uma agenda musical, com DJs, como Tata Aeroplano, na sexta-feira, 6, e com o Quarteto Jazz Figueira, no sábado.

Semana de Design de SP

A DW, por sua vez, está na 15ª edição, cujo tema é “Legado Criativo”, com um debate sobre o que se torna futuro e memória no design. Lojas de diversos segmentos do arqdesign, criativos, ateliês, galerias, coletivos, feiras, espaços culturais, instituições educacionais e shoppings, entre outros participantes, fazem parte de centenas de

eventos que compõem a programação oficial do festival – que está distribuída em “oito distritos” (como Centro, Paulista/Santa Cecília/Barra Funda/Higienópolis, Pinheiros/Vila Madalena, Lar Center e D&D Shopping) em São Paulo, um deles virtual.

Para conferir o conteúdo e atividades do festival – que acontece entre os dias 5 e 22 de março –, acesse o perfil do evento no Instagram: @dwsemanadedesign. Há apresentações, debates e performances abrangendo temas que vão de Inovação e Inteligência Artificial a novos materiais para casa, de tendências do morar a lançamentos de coleções. **E**

Filtro Eclipse, do ateliê Breve Cerâmica, desenvolvido por Augusto Ribeiro



FRANCISCO DE HOLANDA

Filmes e séries

Noiva de Frankenstein e zumbis

Jessie Buckley, candidata ao Oscar de Atriz por "Hamnet", é a prometida de Frankenstein em "A Noiva". No streaming, tem série com Nicole Kidman

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em cartaz no cinema

"A Noiva"

Frankenstein (Christian Bale) vai a Chicago dos anos 1930 atrás de uma médica (Annette Bening) que irá lhe criar uma companheira. Eles reanimam uma jovem assassinada que se torna a noiva (Jessie Buckley). Mas ela desafia as expectativas dos criadores. No elenco, Peter Sarsgaard e Penélope Cruz. A direção é de Maggie Gyllenhaal.

"Push: No Limite Do Medo"

Uma corretora de imóveis no oitavo mês de gestação tenta recomendar a vida após a morte do noivo. Ao assumir a venda de uma propriedade, ela passa a ser perseguida por um cliente. E busca se proteger antes do parto.

"Queens Of The Dead"

Durante uma festa no Brooklyn, um surto transforma os frequentadores em zumbis. Um grupo de drag queens e clubbers se organiza para enfrentar os ataques enquanto tenta escapar do local. É terror com comédia.

"Kill Bill: The Whole Bloody Affair"

Montagem dos dois volumes da cultuada obra "Kill Bill", de Quentin Tarantino, lançados em 2003 e 2004. Traz a trajetória completa da Noiva (Uma Thurman) em busca de vingança contra Bill (David Carradine). A edição de 275 minutos foi exibida em circuito comercial nos EUA em 2025.

Destaques do streaming

"Outlander"

Com estreia no sábado, 7, a oitava temporada encerra a trajetória de Claire (Caitriona Balfe) e Jamie (Sam Heughan), cuja história atravessa diferentes períodos históricos. A produção conclui tramas desenvolvidas desde 2014.

Disney+

"One Piece: A Série - Rumo À Grand Line"

Na segunda temporada da série, Monkey D. Luffy (Iñaki Godoy) e o Bando do Chapéu de Palha navegam pela Grand Line, um lendário trecho do oceano com ilhas estranhas e novos adversários. A estreia é dia 10.

Netflix

"Scarpetta: Médica Legista"

A série, que estreia dia 11, acompanha Kay Scarpetta (Nicole Kidman) na condução de investigações forenses complexas. Ela analisa evidências científicas enquanto enfrenta pressões institucionais e conflitos pessoais. Com Jamie Lee Curtis.

Prime Video

"Juntas & Separadas"

Série brasileira apresenta Laura (Sheron Menezes), Ana Lia (Natália Lage), Claudinha (Debora Lamm) e Joana (Luciana Paes), que se aproximam após divórcio. Elas constroem uma rede de apoio para reorganizar a vida afetiva, profissional e familiar. Estreia no dia 12.

GloboPlay

Talento diante e atrás das câmeras

Ator e diretor, Dennis Carvalho marcou seu nome na teledramaturgia; entre as obras que dirigiu estão “Vale Tudo” e “Anos Rebeldes”

Dono de raro talento, o que lhe permitiu desenvolver diferentes atividades no universo do entretenimento, inclusive no teatro, Dennis Carvalho se notabilizou como ator e diretor de TV, principalmente na teledramaturgia. Entre seus trabalhos mais famosos estão as novelas “Vale Tudo”, a versão original de 1988, e “Celebridade” (2003), além da minissérie “Anos Rebeldes” (1992). Dennis faleceu no sábado, 28, pela manhã, no Rio de Janeiro, aos 78 anos. Ele estava internado Hospital Copa Star, em Copacabana. A família não informou a causa da morte.

Nascido em São Paulo, em 27 de setembro de 1947, Dennis entrou para a TV com 11 anos, levado pela mãe. Fez um teste para a extinta TV Paulista para fazer o personagem Oliver Twist na novela homônima inspirada no livro do inglês Charles Dickens. Não foi escolhido como protagonista – o papel ficou com Osmar Prado. Mas foi chamado para representar um amigo de Oliver.

Em 1954, entrou para a dublagem na série “As Aventuras de Rin Tin Tin”. Ele fez a voz do cabo Rusty, companheiro do famoso cão pastor. Dublou o personagem até 1959. Entre 1964 e 1965, dublou Roger “Race” Bannon, da animação “Jonny Quest”. E de 1966 a 1969, emprestou sua voz a outro personagem que se tornaria um ícone, capitão Kirk – interpretado pelo ator William Shatner –, da série “Jornada das Estrelas”.

Sua carreira começou a ganhar novos contornos em 1968, ao entrar para a TV Tupi, onde fez teleteatros e par-



Dennis Carvalho fez história na TV como ator e diretor de projetos diversos, de “Malu Mulher” a “Sai de Baixo”

ticipou da novela “Antônio Maria”, em que estavam também Sérgio Cardoso, Aracy Balabanian e Tony Ramos. Em 1974, fez um vilão em “Ídolos de Pano”, pelo qual foi indicado a um prêmio de melhor ator. O papel chamou atenção de um executivo poderoso da TV, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, que o convidou para mudar para a Globo. Dennis aceitou a proposta porque, junto, veio a possibilidade de atuar como diretor.

Na emissora, seu primeiro trabalho seria na novela “Roque Santeiro”, mas a obra foi censurada pelo regime militar. Em “Locomotivas” (1977), Dennis interpretou o personagem Netinho e teve sua primeira experiência como

diretor, comandando algumas cenas nas últimas semanas da novela. A partir daí, ele construiu uma carreira dupla, como ator e diretor, que marcou toda a sua trajetória.

No seriado “Malu Mulher” (1979), viveu o personagem Pedro Henrique e se dedicou ainda mais à direção. Dennis contava que usava os intervalos das gravações para observar e aprender com o diretor Daniel Filho.

Nas décadas seguintes, dirigiu várias das novelas mais importantes da TV brasileira. Fez parceria com o autor Gilberto Braga. Dennis comandou diversos projetos na Globo. Conhecido por ser firme nos estúdios, ele ficou famoso por bordões como “Silêncio”, que gritava para começar as gravações.

Era pai de Leonardo, do casamento com a atriz Christiane Torloni (com quem também teve Guilherme, morto acidentalmente em 1991), Tainah, da união com a atriz Monique Alves, e Luiza, filha da atriz Deborah Evelyn, com quem teve o casamento mais duradouro, entre 1988 e 2012. Ele se casou seis vezes.

Sua morte provocou comoção no meio artístico. Christiane afirmou que o ex-marido teve uma “jornada brilhante de grandes contribuições à cultura brasileira. Missão cumprida”. Miguel Falcabella recordou a parceria com o diretor no humorístico “Sai de Baixo”. Em um texto publicado nas redes sociais, ele escreveu: “Confesso que não estava preparado, mas acho que nenhum de nós está, no fim das contas. Amado Dennis, muito obrigado. Vou chorar e seguir em frente até o reencontro”. 

RENATA ROCHA MIRANDA

Ícone da era da jukeboxe

Neil Sedaka, cantor e compositor famoso nas décadas de 1960 e 1970, falece aos 86 anos



FOTOS REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Um dos sucessos de Sedaka é “Breaking Up Is Hard To Do”

Idolo do rock e pop das décadas de 1960 e 1970, o cantor e compositor Neil Sedaka morreu na sexta-feira, 27, aos 86 anos. A notícia foi divulgada pela família por meio de um comunicado nas redes sociais. Famoso na era das jukeboxes, as máquinas que tocavam discos em bares, lanchonetes e restaurantes, o artista marcou o período com sucessos românticos como “Breaking Up Is Hard To Do” (1962),

“Calendar Girl” (1960) e “Laughter in the Rain” (1974).

“Nossa família está devastada com o falecimento repentino de nosso amado marido, pai e avô, Neil Sedaka. Uma verdadeira lenda do rock and roll, uma inspiração para milhões, mas, acima de tudo, pelo menos para aqueles de nós que tivemos a sorte de conhecê-lo”, afirma o comunicado.

O site americano TMZ havia noticiado anteriormente que Sedaka foi levado às pressas ao hospital de ambulância após acordar na manhã de sexta-feira sentindo-se mal.

Cantor de voz aveludada, nascido no Brooklyn, em Nova York, Sedaka começou sua carreira na década de 1950 com a banda The Tokens. Ele emplacou três hits número 1 na Billboard Hot 100 e nove no Top 10, principalmente durante o auge de sua carreira no início dos anos 1960. Em meados dos anos 1970, fez um retorno triunfal às paradas com a ajuda de Elton John, com quem gravou outro sucesso, “Bad Blood” (1975).

Sedaka escreveu ou coescreveu mais de 500 canções, que foram interpretadas por outros artistas. Uma de suas principais composições é “Stupid Cupid” (1958), hit na voz de Connie Francis. Era casado com Leba Strassberg desde 1962, com quem teve dois filhos: Dara e Marc. **E**

Voz mineira do samba

Morre a sambista Adriana Araújo, aos 49 anos, após sofrer um aneurisma cerebral

Acantora e sambista mineira Adriana Araújo morreu na segunda-feira, 2, aos 49 anos, em Belo Horizonte, após sofrer um aneurisma cerebral. Ela foi levada ao hospital, às pressas, no sábado, 28, ao passar mal em casa, e ficou internada desde então. A notícia da morte foi confirmada pela equipe da artista.

Reconhecida como um dos principais nomes do samba mineiro, Adriana nasceu

e cresceu na comunidade da Pedreira Prado Lopes (PPL), tradicional reduto do gênero na capital mineira. Ela iniciou a trajetória artística em oficinas culturais na própria comunidade, de dança a teatro, e lançou a carreira solo em 2020. No ano seguinte, apresentou o álbum “Minha Verdade”. Em 2024, lançou “3 Jorges”, trabalho ao vivo com releituras em homenagem a Jorge Aragão, Seu Jorge e Jorge Ben Jor.

Mulher negra, mãe, compositora e intérprete, demonstrou desde cedo interesse pelas artes. A jornada de Adriana foi construída a partir das vivências na periferia. Ela integrou o grupo Simplicidade Samba ao lado do sambista Evaldo Araújo, tornando-se presença constante nas tradicionais rodas da cidade.

No álbum “Minha Verdade”, reuniu composições autorais que abordam ancestralidade, amor, negritude e experiências pessoais. Ao longo da trajetória, participou de eventos importantes de Belo Horizonte e dividiu palco com nomes como Leci Brandão, Fabiana Cozza, Arlindinho e Jorge Aragão.

Entre seus projetos, também idealizou o espetáculo “Adriana Araújo Canta Alcione”, homenagem à artista maranhense, uma de suas principais referências musicais. **E**



Adriana dividiu palco com nomes como Leci Brandão e Jorge Aragão

Cenas de um furto

O vídeo de um homem furtando sacolas de uma mulher provocou barulho nas redes de IstoÉ. Também chamaram atenção Nikolas Ferreira, um piloto ejetado de um caça e a atriz Daniella Gondim celebrando fim de quimioterapia

Stephanie Mecco

"Cadê minha bolsa?"

Maria Ruane, de 32 anos, foi vítima de um furto na quarta-feira, 25, em uma cafeteria na rua Oscar Freire, zona oeste de São Paulo. Levaram sua bolsa e sacolas de compras, provocando um prejuízo estimado em R\$ 800. Em entrevista à IstoÉ, Maria contou que estava próxima à rua enquanto solicitava um veículo por aplicativo. Distraída com uma discussão no estabelecimento, não percebeu a rápida ação do criminoso. Um homem de estatura mediana e roupas discretas se aproximou e levou as sacolas.



564 mil 2,4 mil

Polêmica na quebra de sigilo de Lulinha na CPI do INSS

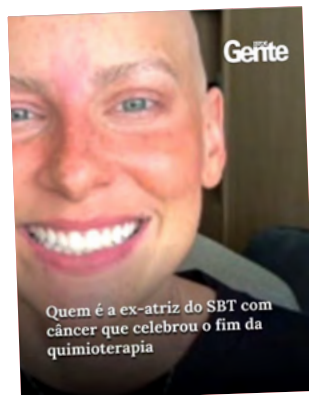
Parlamentares do PT pediram a anulação da votação da CPI do INSS que aprovou a quebra do sigilo bancário de Fábio Luís Lula da Silva, filho mais velho do presidente Lula. Segundo a bancada, o presidente da comissão, senador Carlos Viana (Podemos-MG), não contabilizou todos os votos contrários à decisão. O deputado Paulo Pimenta (PT) disse que as ações repetidas contra Fábio Luís (mais conhecido como Lulinha) surgem "para desviar o foco", já que "nunca apareceu nenhuma prova contra o filho do presidente".



197 mil 3 mil

Atriz que enfrenta câncer celebra fim da quimioterapia

Daniella Gondim, 31, que enfrenta um câncer, usou suas redes sociais na quarta-feira, 25, para anunciar o fim das sessões de quimioterapia. Em um vídeo, a atriz, que já atuou no SBT, revelou que ainda se sente "exausta" e aguarda os próximos procedimentos médicos.



105 mil 594

Nikolas Ferreira: "Brasileiro gosta de ex-presidiário"

O deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) afirmou que Jair Bolsonaro (PL) poderá voltar a ser presidente da República após deixar a prisão porque "o brasileiro, pelo jeito, gosta de um ex-presidiário".



422 mil 4,5 mil



385 mil 7,9w mil

Morador do Kuwait encontra piloto que foi ejetado de caça

No Kuwait, um morador localizou um dos pilotos dos Estados Unidos que foram ejetados após três caças serem abatidos por engano pelas forças armadas do país, na segunda-feira, 3. Ele foi resgatado com ferimentos leves após o ataque, resultante de falha no sistema de defesa.

Palavra por palavra



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Eu acumulo seis mandatos de deputado e senador, dois mandatos de governador e eu tenho autoridade moral para chegar à presidência"

Ronaldo Caiado, governador de Goiás pelo PSD, ao defender seu nome para a candidatura à presidência da República durante ato da direita na avenida Paulista



DIVULGAÇÃO

"Quando você pega um trem errado na vida, sabe o que você tem de fazer? Descer na primeira estação possível e retornar. Estou intervindo fundamentalmente porque eu acredito que, no conjunto das coisas que foram feitas, a gente não estava indo na direção que eu acho adequada para a instituição"

Luiz Eduardo Baptista, o Bap, presidente do Flamengo, sobre a surpreendente demissão do técnico Filipe Luís, em áudio vazado. O desligamento aconteceu após o treinador conceder entrevista coletiva depois da goleada do time por 8 a 0 sobre o Madureira

"Eu, sendo primeira-dama, estando em lugares que acho que são seguros, mesmo assim, fui assediada. Se eu, que tenho toda uma equipe em torno, um olhar, câmeras, cuidados, [fui assediada], imagina uma mulher em um ponto de ônibus às dez horas da noite"

Rosângela Lula da Silva, a Janja, primeira-dama, no programa "Sem Censura", da TV Brasil, ao revelar que foi assediada duas vezes já na gestão de seu marido, Lula; o tema da edição era o combate ao feminicídio



OFÓPIER PAOLO



EFREN LANDAOS/AP

"Não vi nada e não fiz nada errado"

Bill Clinton, ex-presidente, em depoimento para uma comissão da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, dizendo que não tinha conhecimento dos atos do criminoso sexual Jeffrey Epstein

"Mãe, obrigado por me levar e trazer de Nova York quando não tínhamos dinheiro suficiente para passar pelo túnel Holland, quando estávamos procurando dinheiro para gasolina, vagas para estacionar, quando eu ia para lá fazer meus testes"

Michael B. Jordan, ator, ao receber o troféu de Melhor Ator do SAG Actor Award, por seu papel em "Pecadores"



DANIEL COLE/REUTERS

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and sleek appearance.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

